



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V**

**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

VICTOR HUGO DE FARIAS LIMA TRAJANO

**PARCERIA SINO-RUSSA: ASPECTOS DA CONVERGÊNCIA ESTRATÉGICA NO
ÁRTICO**

**JOÃO PESSOA – PB
2023**

VICTOR HUGO DE FARIAS LIMA TRAJANO

**PARCERIA SINO-RUSSA: ASPECTOS DA CONVERGÊNCIA ESTRATÉGICA NO
ÁRTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre César Cunha Leite.

**JOÃO PESSOA
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

T768p Trajano, Victor Hugo de Farias Lima.
Parceria sino-russa [manuscrito] : aspectos da
convergência estratégica no ártico / Victor Hugo de Farias
Lima Trajano. - 2023.
48 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações
Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Alexandre César Cunha Leite,
Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA. "

1. Parceria sino-russa. 2. Ártico. 3. Segurança. I. Título

21. ed. CDD 327.17

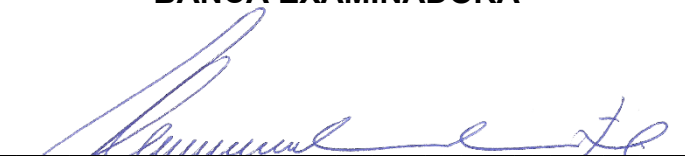
VICTOR HUGO DE FARIAS LIMA TRAJANO

PARCERIA SINO-RUSSA: aspectos da convergência estratégica no Artigo

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Aprovado em: 09/08/2023.


BANCA EXAMINADORA



Alexandre César Cunha Leite (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Fábio Rodrigo Ferreira Nobre
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Bernardo Salgado Rodrigues
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A meus pais, por todo amparo familiar, afetivo e estrutural. Obrigado pelos valores passados, pela presença e apoio, principalmente nos momentos difíceis. Amo vocês.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	O DESENVOLVIMENTO DA PARCERIA SINO-RUSSA NO SÉCULO XXI E OS INTERESSES NO ARTIGO	8
3	ASPECTOS DA CONVERGÊNCIA ESTRATÉGICA NO ARTIGO	20
3.1	<i>Considerações iniciais</i>	20
3.1.1	<i>Cooperação Sino-Russa no Artigo</i>	25
4	SEGURANÇA DE ROTAS E RECURSOS	29
4.1	<i>Considerações iniciais</i>	29
4.1.1	<i>A Parceria Sino-Russa e a segurança de rotas e recursos</i>	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
	REFERÊNCIAS	37

PARCERIA SINO-RUSSA: ASPECTOS DA CONVERGÊNCIA ESTRATÉGICA NO ÁRTICO

SINO-RUSSIAN PARTNERSHIP: ASPECTS OF STRATEGIC CONVERGENCE IN THE ARCTIC

Victor Trajano

RESUMO

O presente artigo teve como objetivo geral explorar a Parceria Sino-Russa no século XXI e a convergência estratégica em torno do Ártico e de seus recursos. Especificamente, buscou-se: descrever o desenvolvimento da Parceria Sino-Russa no século XXI e como os interesses na região Ártica aprofundaram a cooperação bilateral; investigar os principais acordos e investimentos conjuntos e complementares para a concepção de uma infraestrutura de logística para navegação e para a exploração de recursos; e interpretar, através da perspectiva construtivista do conceito de segurança da Escola de Copenhague, como os discursos e ações constituíram o cenário projetado pelas duas nações, naturalizando a preponderância das mesmas frente à comunidade internacional e, sobretudo, regional. Utilizou-se metodologia qualitativa, o marco teórico aplicado permitiu responder à questão central sobre quais são os aspectos da convergência de interesses da parceria Sino-Russa no Ártico, fragmentando o panorama geral estudado, apontando as incongruências entre discursos e ações. Assim, concluiu-se que a cooperação tem caráter multidimensional, atendendo a interesses geopolíticos, logísticos e econômicos, com foco na exploração de recursos energéticos e na predominância do uso das novas rotas marítimas, em especial da Rota do Mar do Norte (ou passagem nordeste), recorrendo ao desenvolvimento da infraestrutura de navegação e militar.

Palavras-chave: Parceria Sino-Russa. Ártico. Segurança.

ABSTRACT

This article aimed to explore the Sino-Russian Partnership in the 21st century and the strategic convergence around the Arctic and its resources. Specifically, it sought to: describe the development of the Sino-Russian Partnership in the 21st century and how interests in the Arctic region have deepened bilateral cooperation; investigate the main agreements and joint and complementary investments for the design of a logistics infrastructure for navigation and for the exploitation of resources; and interpret, through the constructivist perspective of the Copenhagen School's concept of security, how the speeches and actions constituted the scenario projected by two nations, naturalizing their preponderance in the face of the international and, above all, regional community. A qualitative methodology was used, the applied theoretical framework allowed answering the central question about what are the aspects of the convergence of interests of the Sino-Russian partnership in the Arctic, fragmenting the general panorama studied, pointing out the inconsistencies between speeches

and actions. Thus, it was concluded that cooperation has a multidimensional character, serving geopolitical, logistical and economic interests, with a focus on the exploration of energy resources and the predominance of the use of new maritime routes, in particular the Northern Sea Route (or northeast passage), resorting to the development of navigation and military infrastructure.

Keywords: Sino-Russian partnership; Arctic; Security.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo explora-se a parceria sino-russa no que concerne aos recursos naturais, minerais e energéticos diante da possibilidade aberta por novas rotas marítimas na região do Ártico. Objetiva-se identificar onde ocorre a convergência de interesses de ambas as partes no espaço geográfico em foco. Considerando-se, para tanto, que cada país (Rússia e China) possui projetos próprios em torno do Ártico, além de realidades político-econômicas e sociais distintas.

Primordialmente, as relações Sino-Russas têm um histórico vasto e tortuoso de choques e aproximações entre disputas territoriais e de poder na região da Eurásia. Essas relações conflituosas se estenderam por séculos até caminharem para uma reaproximação mais consistente a partir da década de 1980 (RADIN, A.; *et al*, 2021).

Com a morte de Mao Tsé-Tung (líder da Revolução Comunista Chinesa e presidente da República Popular da China (RPC)), em 1976, encerrou-se o período da Revolução Cultural Chinesa (após vinte anos de sua eclosão) com a retirada do grupo ligado ao movimento revolucionário do poder. Por conseguinte, foi aberto o espaço para a reestruturação da liderança do Partido Comunista da China (PCC) liderado por Deng Xiaoping. Assim, sob a condução de Deng (em 1978), e diante de desordens internas crescentes na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) entre as décadas de 1970 e 1980, houve um maior ajuste das interações bilaterais. Em consonância, decorreu-se a retomada de diálogos viabilizada por discursos de Leonid Brejnev, em 1982, que indicavam a reabertura para negociações com a China (MIKHAILOVA, 2013).

Em maio de 1989 houve a primeira visita de um líder da URSS à RPC desde 1954, Mikhail Gorbachev encontrou Deng Xiaoping na capital chinesa (Pequim) para a Cúpula Sino-Soviética, evento que marca a normalização das relações entre as partes. Concomitante ao evento de pacificação bilateral, estavam em curso as manifestações populares contra o governo chinês que culminaram no “Massacre da Praça da Paz Celestial” em 4 de junho, evento que incita polêmicas até hoje (ALVARES, 2020). No mesmo ano, intensificou-se a derrocada da URSS, diante das reformas liberalizantes de Gorbachev, a *Perestroika* (“reconstrução”) e a *Glasnost* (“transparência”), que afundaram mais a economia e a estrutura burocrática soviéticas, além da queda do Muro de Berlim em novembro de 1989, com a dissolução completa do bloco em dezembro de 1991 (EBELING, 2021).

Assim, como apontado por Amal (2016), face ao desmembramento em quinze ex-repúblicas soviéticas independentes, a agora Federação Russa (FR) passava por um governo problemático do então presidente Boris Yeltsin, que teve fim em 1999 com sua renúncia. A gestão de Yeltsin foi marcada pela admissão da

ordem mundial unipolar do pós-Guerra Fria, subserviente aos interesses dos Estados Unidos da América (EUA) e do Ocidente, o que fragilizou ainda mais a posição do país, tanto externa quanto internamente.

Apesar das conturbações internas de cada Estado e de impactos regionais significativos, a RPC deu um salto exponencial em suas capacidades industriais, econômicas e militares, emergindo enquanto grande potência global através dos anos 1990 e 2000, tornando-se a segunda maior economia do mundo em 2010 (CORRÊA, 2015). Tais avanços foram motivados pelo redirecionamento estratégico de Deng Xiaoping, por intermédio da política das Quatro Modernizações (agricultura, indústria, ciência e tecnologia e defesa), o que forneceu a ferramenta para o propósito do desenvolvimentismo chinês (CINTRA; FILHO; PINTO, 2015). A maior abertura da China para o mercado internacional afastou o caráter político radical e personalista do Maoísmo, que tivera isolado o país por muito tempo (RADIN *et al.*, 2021).

Em contrapartida, a Rússia alcançou a estabilidade apenas nos anos 2000 sob a liderança de Vladimir Putin, que reformulou a política externa, tornando-a mais independente, de modo a resgatar a identidade nacional do povo russo e a posição do país frente ao sistema internacional. Além disso, perante a combinação de negociações relacionadas às privatizações imprudentes de várias estatais (em gestões anteriores) junto aos oligarcas, e da devida logração dos preços mundiais do petróleo e do gás natural, possibilitou o equilíbrio econômico, político e social do país. Tal estabilidade foi em boa parte resultado da congruência de interesses públicos e privados que favoreceram a potencialidade energética russa, especialmente através das suas imensas reservas de petróleo, gás natural e carvão mineral (SCHUTTE; DEBONE, 2020).

Portanto, a partir dos anos 2000, Rússia e China passaram a se relacionar em uma conjuntura mais estável, mesmo que ainda marcada por desconfianças e com diferenças consideráveis em termos de desenvolvimento econômico. Com isso, a primeira década do século XXI marca uma transformação nas relações sino-russas, que se baseiam em conveniências e princípios estratégicos na política externa de cada país, voltados mais às demandas internas (ALVARES, 2020).

Nos anos 2010 as relações se estreitaram gradualmente, superando de forma significativa as inseguranças antes mais perceptíveis, o que não sugere, tecnicamente, que tenham atingido plenamente a confiança mútua a ponto de se comprometerem a formalizar uma aliança em qualquer área. Por outro lado, como expresso por Andrea Kendall-Taylor e David Shullman (2021), há fatos suficientes para afirmar que a parceria foi se expandindo para diferentes setores. A convergência de interesses se torna racionalmente oportuna, com base em acordos relacionados a fronteiras delimitadas, respeito político mútuo de não-interferência em assuntos internos alheios, cooperação militar e comércio, especialmente no setor energético. Assim, relações sino-russas firmes são evidentes perante visitas oficiais, pronunciamentos e exercícios militares conjuntos.

O ponto de convergência que requer constante atenção, e que é objeto de análise deste artigo, é a conjunção entre os dois Estados em torno do Ártico. O território supracitado é rico em minerais estratégicos e recursos naturais e energéticos que, articulados às potencialidades industriais e tecnológicas da China, possibilitam a exploração desses recursos a favor do desenvolvimento e da manutenção do complexo militar russo na região, constituindo um fenômeno multifatorial de interesse quanto às possibilidades de ampliação do poder conjunto frente ao Ocidente (XAVIER, 2020).

A combinação entre espaço geográfico privilegiado da Federação Russa (tendo acesso à extensa rota marítima e aos recursos já mencionados), com a capacidade da economia chinesa (com crescente demanda por energia para o funcionamento do enorme parque industrial e tecnológico), torna tal parceria de extrema relevância. Dessa forma, o potencial da cooperação bilateral suscita preocupações de vários atores de interesse, em especial dos países do Ártico que, fora a Rússia, são alinhados ao Ocidente e exercem contrapeso aos interesses russos e chineses, a nível global e também regional (SHARMA; SINHA, 2023).

Devido à importância vital dessa região, que exerce funções essenciais para o equilíbrio climático do planeta, entende-se como prevaiente a contribuição de pesquisas relacionadas à região do Círculo Polar Ártico que elucidem os fenômenos, dinâmicas e intenções em torno da sua exploração. Ademais, a região Ártica é cada vez mais visada diante da abertura de novas rotas comerciais marítimas e da exposição de suas riquezas naturais, resultado das mudanças climáticas, pois esse ecossistema sofre com um grau de aquecimento mais acelerado do que qualquer outra parte do planeta, ou seja, altamente vulnerável às progressivas ações humanas (SILVA; PACHECO, 2018).

Logo, posto o cenário de disputa pelo Ártico, com China e Rússia ampliando as demandas e a presença na região, o artigo tem como objetivo geral explorar a Parceria Estratégica Sino-Russa e a convergência de interesses em torno do Ártico e de seus recursos. Para tanto, a estrutura é composta por três seções, que fazem relação direta com os três objetivos específicos: primeiramente, descrever o desenvolvimento da Parceria Sino-Russa no século XXI e como os interesses na região Ártica aprofundaram a cooperação; investigar os principais acordos e investimentos conjuntos e complementares para a concepção de uma infraestrutura de logística para navegação e para a exploração de recursos; e interpretar, através da perspectiva construtivista do conceito de segurança da Escola de Copenhague, como os discursos e ações constituem o cenário projetado pelas duas nações, naturalizando a preponderância das mesmas frente à comunidade internacional e, sobretudo, regional, de modo a securitizar os recursos provenientes do Ártico. O marco teórico permite responder à questão central sobre quais são os aspectos da convergência de interesses da parceria estratégica Sino-Russa no Ártico, por meio da fragmentação do panorama geral, possibilitando a exposição de possíveis incongruências entre discursos e ações.

No que concerne à metodologia, utilizou-se da abordagem qualitativa, de forma a analisar aspectos intersubjetivos das intenções geopolíticas, militares e econômicas dos atores em questão, tornando-as mais evidentes e compreensíveis, além de lidar com dados quantitativos a título de exposição e para observação reflexiva. Em torno dos objetivos, o texto tem escopo explicativo e exploratório, na busca de investigar as razões, conjuntas e particulares, de se comprometer numa parceria para explorar uma região em parte composta por áreas inóspitas e, ao mesmo tempo, tão visada internacionalmente. Quanto aos procedimentos, dispôs-se da pesquisa bibliográfica, valendo-se da possibilidade de acessar diferentes meios de informação para cruzar perspectivas e evidenciar consensos ao redor da estratégia bilateral para o Ártico.

2 O DESENVOLVIMENTO DA PARCERIA SINO-RUSSA NO SÉCULO XXI E OS INTERESSES NO ÁRTICO

Rússia e China, cada qual com suas particularidades político-econômicas e sociais, passam a pavimentar uma relação bilateral mais estratégica a partir do século XXI, superando desavenças que atravessam a história dos dois maiores Estados da Eurásia. Por caminhos e realidades diferentes, muitas vezes conflitantes, os países seguiram trajetórias político-estratégicas próprias, mesmo com influências inter-relacionais que foram melhor aproveitadas a longo prazo pela República Popular da China (RPC), como na elaboração e implementação de Planos Quinquenais que “são um modelo de política da China para o desenvolvimento econômico e social de médio prazo, sendo uma “herança” do sistema de elaboração de objetivos e metas de planificação econômica da antiga União Soviética.” (UNGARETTI, 2021).

Assim sendo, os gastos da URSS com a corrida armamentista — no período da Guerra Fria — se deram em detrimento das necessidades socioeconômicas internas. Já o caso bem-sucedido da RPC, de implementação do modelo econômico planejado, pode ser definido a partir da concepção cunhada por Deng Xiaoping de “socialismo específico chinês”, no Congresso do PCC, em 1982. Portanto, nos anos 1980 a China ultrapassou a taxa de crescimento econômico da URSS em três vezes, e especificamente entre os anos de 1986 e 1990 (decorrer do último Plano Quinquenal soviético) pela primeira vez ocorreu o declínio da economia da União Soviética (MIKHAILOVA, 2013).

Diante da concretização da hegemonia dos Estados Unidos da América (EUA) no sistema internacional, consolidada na ordem pós-Guerra Fria, ficou muito evidente o fracasso da Rússia na tentativa de liberalização econômica brusca, iniciada por Gorbachev e mal gerida por Yeltsin. Com isso, a antiga União Soviética carecia de uma liderança mais sólida e reformista, o que ficou a cargo de Vladimir Putin, presidindo o país a partir de 2000 e se mantendo no poder por mais de vinte anos (HORTA, 2022).

De acordo com Luís Tomé (2019), durante a gestão Putin, a economia russa se beneficiou da alta dos preços de hidrocarbonetos, petróleo e gás natural liquefeito (GNL), do mercado mundial, que se estendeu por quase toda a década de 2000. Ainda, como aponta Brugnara (2015), a FR não se limitou apenas ao proveito econômico, mas também desenvolveu simultaneamente a infraestrutura e as capacidades de exploração, produção e escoamento dos recursos energéticos para países consumidores, compatibilizando a abundância de riquezas naturais com a articulação política interna, fortalecendo as instituições e proporcionando coesão social. Destarte, conjuntamente com uma política externa autônoma, possibilitou a projeção da Rússia enquanto superpotência energética.

Em conformidade, sobre superpotências energéticas do século XXI, Pereira (2011, p. 59) destaca que “com sua “geografia singular”, uma moderna infraestrutura e potencial técnico-científico (comparado a maioria dos exportadores de minérios e energia) a Rússia ocupa uma posição especial entre os países industrializados.”. Por conseguinte, a concentração de esforços político-econômicos em torno da nacionalização do setor energético se torna uma das principais ferramentas de política externa da FR, o que serviu também como mecanismo de segurança, de negociação e de poder de barganha, em relação a algumas disputas geopolíticas, como evidenciado no caso Rússia-União Europeia (UE), constituindo, de acordo com Rafael da Soler (2008), uma interdependência assimétrica com países e regiões de destino dos recursos, termo utilizado para descrever a vantagem significativa russa em relação à UE. Em síntese, Brugnara (2015, p. 87) destaca que “Moscou nunca se furtou em utilizar a seu favor a necessidade que a UE mantém

do gás russo e por muitos anos Bruxelas ignorou a possibilidade de que o Kremlin pudesse utilizar o monopólio das condutoras como instrumento de política externa.”

O emprego do setor energético como forma de barganha, acarretou a vulnerabilização dos países dependentes da energia da Rússia, sendo uma prática de expansão de poder. No que diz respeito a tal artifício, Gomes (2021) ressalta a centralidade das empresas de combustíveis enquanto instrumentos geopolíticos, o uso desse mecanismo — chamado de alavanca energética — possui três principais frentes de ação, são essas: 1) A Europa, onde a Rússia marcou posição no mercado dos países do continente através das gigantes Gazprom (maior exportadora de GNL do mundo) e Lukoil (segunda maior petrolífera russa, atrás da Rosneft), comprando, a partir destas empresas, infraestrutura energética europeia, utilizando-se de legislações que efetivamente barraram negociações e construções ocidentais em países da Europa, além de tornar as opções fornecidas pelos EUA economicamente inviáveis. 2) O estrangeiro próximo, correspondente às ex-repúblicas soviéticas, onde a Federação Russa busca, desde a dissolução do bloco, a manutenção deste espaço como sua zona estratégica de influência, por meio da oferta de preços mais vantajosos do gás russo, de construção de gasodutos e fornecimento de investimento estrangeiro direto (IED), dedicando uma política de preços baixos para intrinsecar as relações com esses países considerados vitais para o posicionamento do poder regional russo. Esta frente é objetivamente a mais sensível, por questões multifatoriais que remetem à geografia e à história dos atores dessa região, sobretudo no caso da Ucrânia, país que sofre com disputas de poder e influência do mundo ocidental em confronto com a Rússia. 3) A China, potência global cujo o enorme crescimento constitui a maior alternativa para Moscou em oposição ao Ocidente, já que seu crescimento multissetorial demanda o consumo energético crescente, tornando a relação bilateral com a RPC altamente estratégica, pois a FR acaba por ser favorecida pela condição geográfica, possibilitando a redução do custo logístico, além da capacidade de fornecimento a preços mais competitivos.

Todavia, a baixa diversificação produtiva da economia russa a tornou extremamente dependente de um conjunto restrito de fontes vitais de riqueza, quer dizer, da alta concentração de insumos energéticos em seu território, recursos que estão suscetíveis às oscilações do mercado, às mudanças conjunturais globais e à demanda de seus consumidores. Em 2008, a crise no setor imobiliário nos EUA se expandiu globalmente, impactando também a economia da Rússia, que em 2009 teve retração de quase oito por cento, ou seja, o desempenho foi o pior desde o final da década de 1990. A recessão de 2009, seguida do cenário de relativa estagnação econômica, expôs fatores de fragilidade doméstica estruturais, como os baixos indicadores de produtividade e competitividade frente à média de economias de alta renda, além de limitados investimentos produtivos que são necessários para impulsionar a diversificação produtiva e as reservas de capital. Poucos anos depois, já no biênio 2014-2015, houve recessão para a economia da Rússia, impactada pelas sanções ocidentais em reação à anexação da península da Crimeia¹ e pela baixa dos preços de recursos energéticos do mercado internacional (MANZI, 2018).

Em contrapartida, o impacto negativo da economia global só não foi maior do que poderia pela ágil recuperação das economias emergentes, lideradas por China e Índia, que mesmo passando por desaceleração na produtividade de seus

¹ “A Crimeia é uma região estratégica próxima ao Mar Negro no Leste Europeu. Em 2014, a península, até então pertencente à Ucrânia, foi anexada à Rússia sob o argumento de que possuía uma população majoritariamente russa.” (SILVA, 2022)

mercados e economias, obtiveram crescimento médio aproximado de três por cento no ano de 2009 (MANZI, 2018).

O fato de a China ter liderado as economias pobres em 2009 reforça sua resiliência diante de choques econômicos globais e demonstra seu potencial de oferecer vantagens a países emergentes, como opção viável de cooperação e comércio, comparativamente a parcerias do Ocidente (SOUZA, 2018). De maneira complementar, como escreve Javier Vadell (2021, p. 25), as autoridades chinesas diagnosticaram que a crise de 2008 marcara o desfecho do alto desenvolvimento capitalista dos países ocidentais. Diante da imposição de tal realidade, a RPC dependeria de suas próprias capacidades e potenciais de crescimento econômico-social, fomentando seu mercado interno e reforçando um posicionamento diferenciado, reformulando suas metas frente aos mercados internacionais. O autor complementa:

Essa mudança não significa que a missão do PCCh perca o foco, mas uma reformulação em relação às formas e procedimentos para atingir os objetivos. Como expressam os documentos oficiais, “a China é um país socialista liderado pelo PCCh” que na nova normalidade decidiu se tornar “uma potência científica e tecnológica mundial”, a partir de uma reformulação dos conceitos de desenvolvimento. São eles: inovador, coordenado, verde, aberto e compartilhado.

Em retrospecto, um importante marco para a inserção chinesa na economia mundial foi o acordo com os EUA no ano de 2000, que viabilizou a entrada da RPC na Organização Mundial do Comércio (OMC) em 10 de novembro de 2001². Adicionalmente, a explosão econômica chinesa na primeira década do século XXI é de fato excepcional, pois no ano de 2000 o Produto Interno Bruto (PIB) era de US\$ 1,2 trilhão, em 2009 atingiu os US\$ 5 trilhões, e já em 2010 alcançou US\$ 6 trilhões, ou seja, as taxas de crescimento econômico anuais se mantiveram bastante equilibradas, entre 8% e 14%, no período referente aos anos de 2001 até 2010. Diante disso, “em apenas uma década, a economia chinesa foi multiplicada por cinco. Com crescimento populacional relativamente controlado, o PIB per capita acompanhou a trajetória: foi de US\$ 1.053, em 2001, para US\$ 4.550 em 2010.” (BBC, 2021).

Isto posto, baseada num projeto político de longo prazo, com a abertura de seus mercados ao exterior e estabelecendo reformas político-sociais estruturantes e gradativas, a China se desenvolveu de maneira acelerada, o que a impulsionou ao patamar de segunda maior economia do mundo em 2010, atrás apenas dos EUA (FERRARI, 2023), e, pela primeira vez em cem anos, ultrapassou a produção industrial estadunidense no ano de 2011 (RIBEIRO, 2020). O modelo de desenvolvimento próprio, baseado no estímulo à competição entre as empresas, no usufruto da alta recepção de IED, e combinando tais atributos com uma forte concentração de poder estatal e planejamento estratégico sustentável, proporcionou a manutenção do desenvolvimento através dos anos e o fortalecimento da sua posição no cenário internacional (DELGADO; FEBRERO, 2017). Assim, “nas duas primeiras décadas do milênio, a tecnologia chinesa adquiriu qualidade, confiança e

² “Poucas horas depois dos ataques contra os EUA, em 2001, o presidente chinês Jiang Zemin redigiu um telegrama e enviou ao presidente George W. Bush. O sinal era de solidariedade, com uma demonstração de “profunda simpatia” ao povo americano. Um mês depois, os dois líderes teriam seu primeiro encontro, no qual o foco de combate ao terror foi colocado no centro da mesa. Ao terminar a reunião, Bush declarou como ele não tinha dúvidas de que a China estaria “ao lado dos EUA” durante um “período difícil”. (CHADE, 2021).

respeitabilidade, com produtos, sistemas e feitos reconhecidos mundo afora.” (BBC, 2021).

Portanto, segundo Tomé (2021), a República Popular da China vem implementando um reposicionamento estratégico da sua diplomacia a partir da ascensão de Xi Jinping à presidência (2013-atual), promovendo uma abordagem mais assertiva em favor do sinocentrismo asiático e mundial. Isto também configura uma nova etapa da Revolução da RPC e do socialismo com características chinesas, em constante aprimoramento.

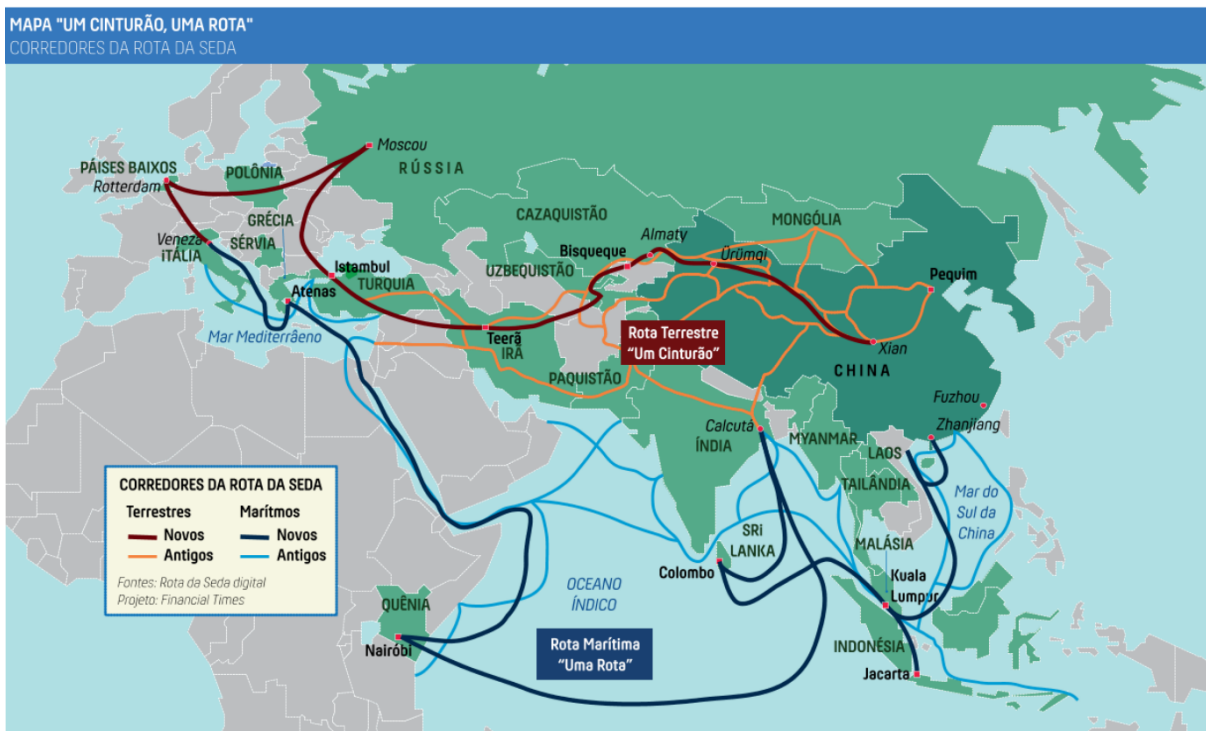
Ressalta-se que a China vem sendo responsável por grandes projetos em escalas inter-regional e intercontinental, o mais ambicioso e histórico, lançado em setembro de 2013 pelo presidente Xi Jinping em discurso na capital do Cazaquistão (Astana), “chama-se “Um Cinturão e Rota” (C&R) – forma abreviada para se referir ao Cinturão Econômico da Rota da Seda e à Rota da Seda Marítima do Século XXI” (CARVALHO, 2019). A iniciativa “Um Cinturão, Uma Rota” (C&R), no inglês “One Belt, One Road” (OBOR) ou “Belt and Road Initiative” (BRI), também é conhecida como “Nova Rota da Seda (NSR)”³, de modo a dirimir a confusão nas nomenclaturas, as propostas que formaram a iniciativa OBOR, posteriormente BRI, ocorreram nos meses de setembro e outubro do ano 2013, em visitas do presidente Xi Jinping ao Cazaquistão – onde anunciou o objetivo de conceber o “cinturão econômico da Rota da Seda” para interligar a China à Rússia, ao continente europeu e à Ásia Central e Ocidental – e à Indonésia, estabelecendo a proposta da Rota da Seda marítima do Século XXI, ampliando o escopo do projeto (MENDONÇA; FILHO; SILVEIRA, 2021).

Este conjunto de propostas constitui a iniciativa da Nova Rota da Seda, lançada para interconectar comercialmente a China com diferentes regiões estratégicas, através de extensos corredores logísticos para facilitar o comércio e o intercâmbio de informação e capital, consolidando a posição chinesa internacionalmente (MINEIRO, 2018).

Elaborado pela ActionAid Brasil, em projeto escrito pelo autor Adhemar Mineiro em 2018, o mapa a seguir ilustra os principais, novos e antigos, corredores (terrestres e marítimos) da NRS:

Figura 1: Mapa da Iniciativa “Um Cinturão, Uma Rota”

³ “O projeto ficou conhecido como Nova Rota da Seda em alusão à antiga rota da seda, nome dado ao fluxo de comércio que funcionava no primeiro milênio e que conectava a Ásia com a Europa Central.” (G1, 2023).



Fonte: ActionAid Brasil (2018).

A Nova Rota da Seda (NRS) se constitui como forma de suprir as necessidades da geração de maior demanda para a supercapacidade ociosa da indústria da RPC, também, dissolve dilemas securitários do país, interconectando-o com regiões em constante tensão e disputa. Desse modo, gerando maior dependência em cadeia de outros países e regiões, com base em processos de internacionalização das empresas chinesas e da exportação de serviços nacionais, ampliando a presença em redes de comércio internacional (PAUTASSO, 2020).

A iniciativa recoloca a Eurásia no centro de gravidade global, o que por consequência favorece também a Federação Russa. Conforme Marco Aurélio Alves de Mendonça, Carlos Renato da Fonseca Ungaretti Lopes Filho e Juliana Kelly Barbosa da Silva Oliveira (2021, p. 19):

Na Europa, a Rússia atraiu cerca de 65% dos financiamentos, arrematando US\$ 37 bilhões dos bancos chineses entre 2008 e 2019. Deste total, US\$ 12 bilhões foram alocados após o lançamento da BRI, abarcando projetos em energia, transportes, manufatura e telecomunicações.

Como ponto de partida para o aprofundamento das relações entre a RPC e a FR em atos internacionais, nos anos 2000, destaca-se a assinatura do "Tratado de Boa Vizinhança, Amizade e Cooperação entre a República Popular da China e a Federação Russa (TBVAC)" de 2001, por Vladimir Putin e Jiang Zemin (então presidente da China), que delineou boa parte dos ideais fundantes e basilares da noção Sino-Russa de respeito mútuo aos assuntos internos de cada país, apoiada numa Ordem Mundial mais equilibrada e multipolar, norteando a coordenação entre as partes (MIKHAILOVA, 2013). Ainda, no mesmo ano, é criada a Organização para Cooperação de Xangai (OCX), tendo como membros fundadores os países do grupo chamado "Cinco de Xangai", ou no inglês *Shanghai Five*, formado por China, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão e Uzbequistão, a organização intergovernamental se estabelece enquanto integração regional com liderança

chinesa, facilitando o comércio eurasiático, além de promover políticas em torno de questões relacionadas à paz mundial como o combate ao terrorismo, tráfico de pessoas, dentre outros temas voltados à segurança internacional e regional, baseando-se na priorização de uma ordem global multipolar para a manutenção da paz (SILVA, 2010).

Outro organismo multilateral importante para a cooperação em várias áreas é o agrupamento do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), sobre a instituição, como expressa Freire (2021), esta é parte essencial para a integração dos países em desenvolvimento do Sul Global defronte o controle de instituições financeiras pelo Ocidente, estando assentada em princípios de respeito a caminhos políticos e econômicos próprios, em defesa de uma ordem global mais justa. Os integrantes do órgão convergem no sentido de se contraporem à hegemonia estadunidense no sistema internacional, articulando-se também no âmbito da ONU, diante de eventuais ingerências dos EUA nas regiões dos países-membros. Para se ter uma noção da crescente relevância do órgão durante os anos da década de 2000 e início da década de 2010, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) publicou em 2014:

Em paridade de poder de compra, o PIB dos BRICS já supera hoje o dos EUA ou o da União Europeia. Para dar uma ideia do ritmo de crescimento desses países, em 2003 os BRICs respondiam por 9% do PIB mundial, e, em 2009, esse valor aumentou para 14%. Em 2010, o PIB conjunto dos cinco países (incluindo a África do Sul), totalizou US\$ 11 trilhões, ou 18% da economia mundial. Considerando o PIB pela paridade de poder de compra, esse índice é ainda maior: US\$ 19 trilhões, ou 25%. Até 2006, os BRICs não estavam reunidos em mecanismo que permitisse a articulação entre eles. O conceito expressava a existência de quatro países que individualmente tinham características que lhes permitiam ser considerados em conjunto, mas não como um mecanismo. Isso mudou a partir da Reunião de Chanceleres dos quatro países organizada à margem da 61ª Assembleia Geral das Nações Unidas, em 23 de setembro de 2006. Este constituiu o primeiro passo para que Brasil, Rússia, Índia e China começassem a trabalhar coletivamente. Pode-se dizer que, então, em paralelo ao conceito “BRICs” passou a existir um grupo que passava a atuar no cenário internacional, o BRIC. Em 2011, após o ingresso da África do Sul, o mecanismo tornou-se o BRICS (com “s” maiúsculo ao final).

A iniciativa de fundar organizações como as mencionadas demonstra o esforço de liderar um modelo de arranjo de cooperação e negociação internacional alternativo ao estabelecido pelas potências ocidentais. “O objetivo dessas organizações, além da cooperação econômica, é também uma maior coalizão política, como meio de se fortalecerem nas relações internacionais.” (DELARMELIN, 2018, p. 18).

Em complemento, à vista da crescente aproximação, os dois países vêm mantendo posições adjacentes em organismos globais, em especial nos votos do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (CSNU), órgão em que são membros permanentes, o que significa que têm poder de veto, e agem frente aos outros três integrantes ocidentais (Estados Unidos, Reino Unido e França), que são democracias liberais e economias de mercado, ou seja, se unem em torno de ideais semelhantes, agindo em consonância. Em extensa pesquisa documental de Isabella Barbosa do Vale, Renan Oliveira e Helena Margarido Moreira, publicada em 2021 e realizada a partir de dados secundários do site da Organização das Nações Unidas (ONU), verificou-se que os dois Estados vetaram conjuntamente nove

projetos de resolução, no período entre 2010 e 2019. A convergência revela a mudança nas dinâmicas do jogo político internacional, com a ascensão econômica e política da China, que se utilizou da incorporação das normas e diretrizes da ordem internacional posta como meio de inserção, ainda mantendo o ordenamento do aparato político interno.

No que concerne a atos bilaterais, além do TBVAC de 2001, no ano de 2004 China e Rússia empreenderam grandes avanços, os dois países acordaram, após quarenta anos de negociações, a delimitação da parte oriental fronteiriça sino-russa, além de assinarem acordos de parceria energética entre a “campeã nacional”⁴ russa Gazprom e a Corporação Nacional de Petróleo da China (CNPC). Em 2005, realizaram exercícios militares inéditos até então, envolvendo unidades terrestres, marítimas e aéreas. Em 2006, Hu Jintao (então presidente da RPC) e Vladimir Putin assinaram incrementos de cooperação no setor energético. Um ano depois, firmaram acordos comerciais e Putin afirmou que o comércio bilateral aumentara cinco vezes em sete anos (BBC, 2005; MUNDO EM ANÁLISE, 2022).

Entre maio de 2008 e maio de 2012 Dmitry Medvedev esteve a frente da presidência da Rússia — indicado por Putin que se manteve no poder como Primeiro Ministro até voltar ao cargo em maio de 2012 — no referido período as principais viagens de início de mandato do presidente foram direcionadas à China e ao Cazaquistão, o que marcou uma virada ao leste na política externa russa, substituindo as costumeiras visitas à Europa Ocidental, anterior região de foco do regime. Em 21 de maio de 2014, após dez anos negociando, China e Rússia finalmente concluíram um contrato de fornecimento de GNL no valor de US\$ 400 bilhões ao longo de três décadas (MUNDO EM ANÁLISE, 2022).

Um importante marco em questões de segurança da informação foi o “Pacto de Segurança Cibernética” assinado em 2015, que marcou a cooperação no setor do ciberespaço, garantindo soberania cibernética e estabelecendo maior intercâmbio de tecnologias de inteligência, além de concordar na proibição de ataques cibernéticos entre as partes (MATTOS, 2015).

Em junho de 2019, durante um encontro entre Xi e Putin no Kremlin, ocorreu o pronunciamento conjunto de elevação das relações diplomáticas bilaterais para o nível de “parceria de coordenação estratégica abrangente para uma nova era”. O significado desse aprofundamento reforça a coordenação em organismos regionais e multilaterais como a ONU, OCX e BRICS, dentre outros, além de maior cooperação em várias áreas, inclusive reafirmando maior sinergia entre a iniciativa da NRS e a União Econômica Eurasiática (UEE), união econômica que tem como membros cinco Estados pós-soviéticos do norte da Eurásia, liderados pela Rússia. Em dezembro do mesmo ano foi inaugurado o gasoduto Força da Sibéria 1 servindo como transporte de GNL da Sibéria Oriental para a China. Em 2021, China e Rússia prorrogaram o TBVAC (com duas décadas norteando as relações) por mais cinco anos (DIÁRIO DO POVO ONLINE, 2019; ESTADO DE MINAS, 2023).

Sendo o primeiro líder mundial a ser recebido pelo líder chinês para reunião bilateral desde a decretação da pandemia de Covid-19 pela OMS em março de 2020, Putin viajou à Pequim no dia 4 de fevereiro de 2022, em ocasião da Abertura dos Jogos Olímpicos de Inverno, e celebrou com Xi a “parceria estratégica sem limites”, os dois afirmaram colaboração entre as partes sem precedentes em várias

⁴ “A política denominada de campeões nacionais é um ramo da política industrial pelo qual se promove medidas de auxílio governamental para o crescimento e internacionalização de empresas nacionais, e o critério de escolha destas empresas varia de acordo com o grupo político vigente.” (GUEDES, 2019, p. 3).

frentes, como em questões climáticas, cooperação espacial, cibernética e em inteligência artificial, além da não aceitação de interferências externas em suas regiões e áreas de influência (PUTIN, 2022)⁵.

A acepção mútua de rechaçar a ingerência ocidental em seus respectivos entornos estratégicos consiste no compartilhamento de preocupações entre Pequim e Moscou, tanto no respaldo russo às reivindicações chinesas em relação à Taiwan⁶, quanto no apoio da China com relação às apreensões em torno da sinalização ucraniana de adesão à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) (MERKLE; DIENSTBIER, 2022).

Para mais, o evento esportivo sediado em Pequim se encerrou em 20 de fevereiro de 2022, no dia 24 a Rússia invadiu a Ucrânia, iniciando a guerra e levantando especulações de que Xi Jinping haveria pedido a Putin que não iniciasse a invasão dentro do período da ocorrência dos Jogos (FOLHA, 2022; UOL, 2022).

A Guerra da Ucrânia é, na perspectiva do Conceito de Política Externa da Federação Russa estabelecido em 2000, um ataque preventivo à expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), ou aliança militar ocidental, sobre o entorno estratégico da ex-União Soviética (PUTIN, 2000). A OTAN foi criada em 1949, no início da Guerra Fria, por doze países, liderada pelos EUA, junto ao Canadá e mais dez países europeus. Hoje a Aliança conta com trinta e um países-membros, com a inclusão da Finlândia oficializada no dia 4 de abril de 2023, tendo solicitado sua adesão após a invasão da Ucrânia, juntamente com outro país nórdico e historicamente neutro, a Suécia, que está em processo de negociação acelerado (ESTADÃO, 2023; O GLOBO, 2023). A partir do aval de Recep Tayyip Erdoğan (presidente da Turquia), e da sinalização de Viktor Orbán (primeiro-ministro da Hungria) informando que o país não será impeditivo, os dois líderes indicam que a ratificação da Suécia ocorrerá no mês de outubro de 2023, o que aumenta o temor da Rússia em relação ao controle do Mar Báltico⁷ pela Aliança do Atlântico Norte (O GLOBO, 2023; VALOR ECONÔMICO, 2023; NOTÍCIA AO MINUTO, 2023). Para maior compreensão segue o mapa:

Figura 2: Países do Mar Báltico membros da OTAN (Suécia em processo de adesão).

⁵ Ver: <http://en.kremlin.ru/supplement/5770>

⁶ “Um problema a acirrar as tensões entre EUA e China é Taiwan, considerada pelo governo de Pequim parte integrante do seu território. E o motivo é o fato de Taiwan ser o grande produtor mundial de semicondutores, fundamentais para a inteligência artificial e para todas as atividades relacionadas à computação, inclusive para a fabricação de armamentos bélicos.” (JORNAL DA USP, 2023)

⁷ Ver: [Poder360](https://poder360.com.br/)

NATO's hold on the Baltic Sea

When Sweden joins NATO, it will help the alliance redress its vulnerability in northwest Europe – the Baltic Sea, a shared waterway with Russia with a bottleneck for access to ports in eight states including Germany.



Note: Marine Traffic Density based on all vessel positions reported between January 2015 and February 2021

Sources: Natural Earth; International Monetary Fund's World Seaborne Trade monitoring system

Vijdan Mohammad Kawoosa | Reuters, June 22, 2023

Fonte: Reuters (2023).

A própria Ucrânia pretende fazer parte da OTAN, mas Volodymyr Zelenski (presidente ucraniano) já se expressou no sentido de que não será possível enquanto o país estiver em guerra, mas que espera ao menos sinal positivo da Organização. Em complemento, Joe Biden (presidente dos EUA) alertou para o fato

de que se houvesse o ingresso (neste momento) os Estados Unidos estariam em guerra direta contra a Rússia (FOLHA DE PERNAMBUCO, 2023).

Mesmo com a crise corrente, Xi Jinping e Vladimir Putin comunicaram em setembro de 2022 a intenção de estreitar mais ainda os laços. Como mencionado Pequim compartilhou, antes da invasão, a preocupação da Rússia em torno de uma possível adesão da Ucrânia à OTAN, mas vem buscando manter uma postura de neutralidade, não apoiando ou condenando a Rússia, apenas se pronunciando em favor da resolução do conflito por meios pacíficos (UOL, 2022).

Com relação ao nexo marítimo-militar das duas potências eurasiáticas, além dos exercícios de 2005, chamados de “Missão de Paz 2005”, a parceria em segurança e defesa se ampliou e a prática de empreender exercícios militares se tornou recorrente. Com isso, desde 2012, criou-se uma plataforma conjunta de cooperação entre as forças marítimas dos dois países, elevando a confiança estratégica bilateral. Os exercícios marítimos conjuntos — ou “Joint Sea Exercises” — são reforçados anualmente, e o último realizado teve sua finalização no Mar do Japão em 23 de julho de 2023 (KENDALL-TAYLOR; SHULLMAN, 2021; MINISTRY OF NATIONAL DEFENSE OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA, 2022; FOLHA, 2023).

O crescimento econômico da China contribuiu para o comércio e para a aproximação dos dois países, através do posicionamento chinês enquanto grande consumidora de commodities e maior consumidora de energia do mundo, o que serviu para a Rússia devido à sua extrema dependência da demanda de seus recursos energéticos. Com a anexação da Crimeia em 2014, e as decorrentes sanções da UE e dos EUA, Moscou perdeu acesso à tecnologia, além da economia ser impactada pelo isolamento do Ocidente. O cenário em questão se aprofundou com a invasão russa da Ucrânia, tornando a RPC mais crucial ainda para a manutenção da economia da FR. Adicionalmente, a oferta de recursos da Rússia a preços baixos se torna melhor para a China (TANCREDI, 2018). Assim, como destaca Fernandes (2023), a RPC se torna a alternativa para Rússia, frente à parceria da Europa que se transforma em hostilidade entre as partes:

Alternativa a uma Europa agora hostil, a República Popular da China é, para a Rússia, muito mais do que um suporte de circunstância. É um verdadeiro aliado nos fóruns internacionais e nos mercados mundiais para combater a influência ocidental em geral e a influência americana em particular.

O nexo comercial-energético entre China e Rússia se estabelece, em conformidade com Rodrigues (2022), como meio de assegurar a predominância de poder e influência da parceria estratégica sino-russa na região da Eurásia, defronte ao contexto pós-Guerra Fria desvantajoso à Rússia, e, no caso da China, em se beneficiar perante disputas com o mercado ocidental e estadunidense em vários setores, principalmente de tecnologia, além de projeções de poder norte-americanas nos entornos geográficos de cada uma das duas potências. Sendo assim, a cooperação energética sino-russa se consolida como principal nexo das relações bilaterais, diante da necessidade de Pequim de ampliar o acesso a recursos energéticos para a manutenção da sua poderosa economia, e da emergência de Moscou em substituir a perda de receitas de mercados impactados pelas sanções ocidentais, visando preservar os investimentos no setor energético e a demanda de seus recursos pela China. Ainda, considera-se pertinente a caracterização da relação bilateral enquanto parceria estratégica,

(...) levando em consideração que essa cooperação foi responsável por ampliar essas relações para além de apenas uma complementaridade econômica, fazendo-os convergir em vários aspectos. Pequim configura um importante ator tanto na política externa quanto na política energética de Moscou. Além de diversificar a demanda energética do país, foi responsável pelos investimentos realizados na infraestrutura dos dutos. Tais incentivos representaram uma alternativa às instituições financeiras ocidentais para a Rússia, trazendo a possibilidades de um maior campo de ação para o país, sobretudo nas questões que envolvem a expansão da OTAN, as sanções impostas pelos EUA e a crise da Ucrânia.

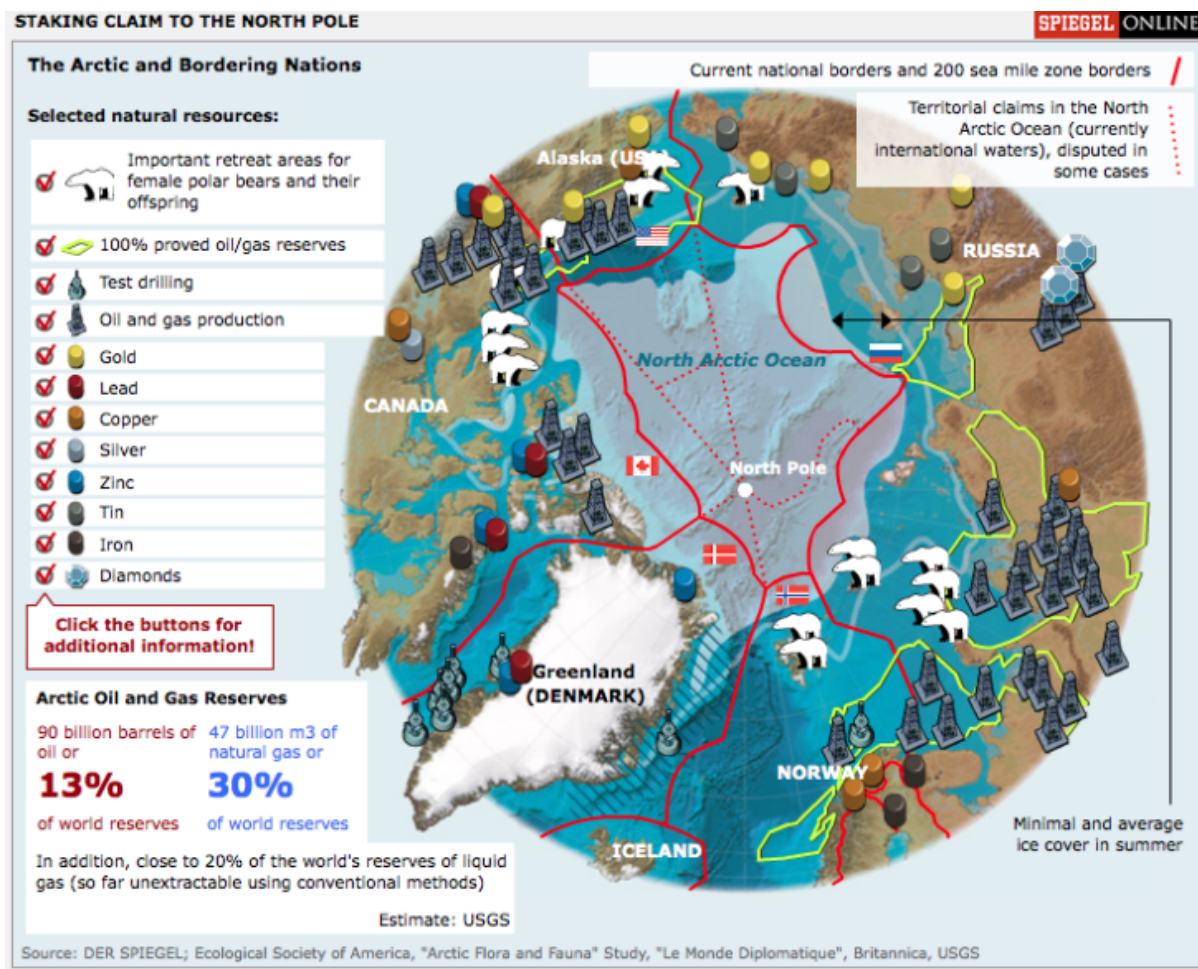
Em suma, China e Rússia agem em conformidade com base em ideais de política externa próximos, em defesa de uma ordem global mais justa, equilibrada e multipolar. Em vista disso, fazem frente aos ideais ocidentais em defesa de suas particularidades histórico-políticas e econômico-sociais, de modo a manterem a segurança de seus regimes e, inclusive, da região da Eurásia e de seus próprios entornos geográficos estratégicos. Para tanto, utilizam-se da articulação em órgãos multilaterais e de atos bilaterais voltados ao intercâmbio de inteligência e defesa, constituindo o nexa marítimo-militar da parceria. Entretanto, por disparidades em termos de poder político-econômico no cenário internacional, a Federação Russa se mantém enquanto fornecedora de recursos energéticos, produtos primários, enquanto a China se privilegia, numa conjuntura em que a Rússia se vê impactada por crescentes sanções ocidentais, fornecendo vantagens à RPC em seus acordos no setor energético, sustentando o principal ponto da parceria, o nexa comercial-energético.

Como expõe Visentini (2021), a Rússia tenta reconquistar a sua projeção naval que perdera com a dissolução da URSS, orientando sua marinha à sua vasta extensão territorial no Ártico, o que se conforma em uma área de disputa pela utilização de novas rotas marítimas e da exposição de recursos. Ademais, o autor destaca o fato de que a proeminência do interesse econômico, historicamente, sempre esteve atrelada ao incremento da projeção do poder militar. Portanto, no setor de defesa, o Atlântico Norte e o Ártico são espaços prioritários para a marinha da FR, principalmente pela realidade da crescente abertura da Rota do Mar do Norte — ou *Northern Sea Route* (NSR) — de modo a conectar o Atlântico ao Pacífico, por meio de suas águas territoriais prontamente militarizadas.

Com isso, a remilitarização do Ártico pela Rússia visa reafirmar seu controle de uma rota marítima onde Pequim também posiciona ambições, além de manter sua presença com navios quebra-gelos em apoio à Moscou. Levantamentos estimam que o Ártico concentra 13% das reservas de petróleo remanescentes e 30% das reservas de gás natural mundiais não exploradas, além de nódulos polimetálicos que incluem minerais preciosos e terras raras (REZENDE, 2020).

O infomapa a seguir ilustra amplamente a disposição de recursos naturais nos territórios de cada nação Ártica, sejam minérios valiosos como ouro, prata e minerais nativos como diamantes, além de recursos energéticos como GNL e petróleo. A figura demonstra a proeminência russa com mais evidência a reservas comprovadas e produção de gás e petróleo.

Figura 3: O Ártico e as nações costeiras. Variedade de recursos do Círculo Polar Ártico, principais pontos de produção de energia e reivindicações.



Fonte: DER SPIEGEL; Ecological Society of America, "Arctic Flora and Fauna" Study, Britannica, USGS, (2012).

Então, de acordo com Murray (2022), tais recursos são vitais para a economia russa diante do esgotamento dos campos de petróleo explorados na época da antiga União Soviética, produzindo a necessidade de novos campos de capacidade similar para suprir os poços que estão a envelhecer, aumentando os custos de produção, o que reduz a margem de lucro. A partir disso o contexto delineado se agrava diante do investimento em infraestruturas *offshore* de depósito de petróleo do Ártico, tecnicamente mais complexos de desenvolver.

Assim, a parceria estratégica sino-russa se aprofunda, em um contexto em que a Rússia já supera a Arábia Saudita em fornecimento de recursos energéticos à China. Em complemento, a RPC também empreende investimentos em infraestrutura militar, de navegação e de exploração de recursos naturais no Ártico em parceria com a FR e outros países do Círculo Polar Ártico. Os chineses se direcionam pela manutenção da liderança em produção de minérios terras raras, em possíveis áreas inexploradas do Ártico, para o manutenção do desenvolvimento em tecnologias da indústria 4.0 (ou Quarta Revolução Industrial), a exemplo da nomeada Internet das Coisas e Inteligência Artificial (IA) (RTP NOTÍCIAS, 2020).

3 ASPECTOS DA CONVERGÊNCIA ESTRATÉGICA NO ÁRTICO

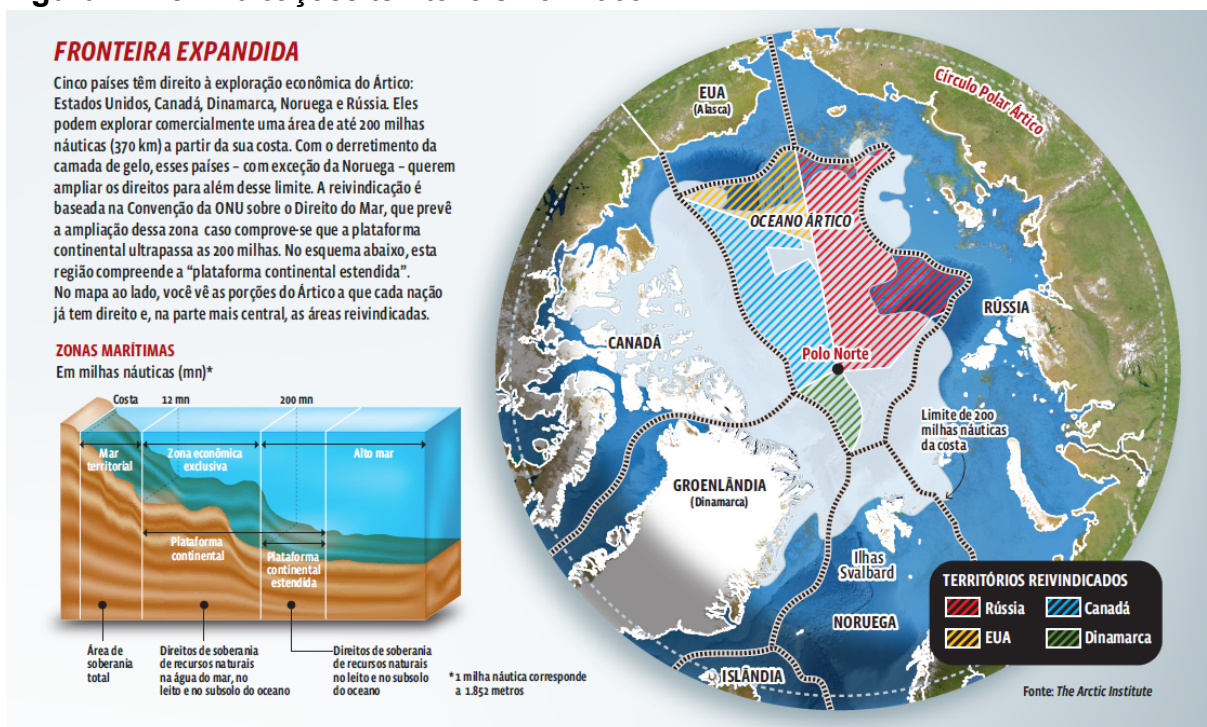
3.1 Considerações iniciais

O Ártico é um Oceano contornado por terra, dentre ilhas e países, diferenciando-o da Antártida, não só por sua conformação geográfica, mas por abrigar uma população de cerca de quatro milhões de pessoas, incluindo mais de trinta povos indígenas com dezenas de línguas e culturas diferentes, além de possuir indústrias e atividades econômicas. O Círculo Polar Ártico corresponde a mais de um sexto da massa de terra do planeta, mais de 30 milhões de km² e possui vinte e quatro fusos horários (HOKKAIDO UNIVERSITY, 2023).

Um conjunto de oito países possui territórios no Ártico: Canadá, EUA (Alasca), os nórdicos Dinamarca (Groenlândia), Islândia, Noruega, Suécia e Finlândia, e a Rússia. Um subconjunto de cinco países são costeiros: Canadá, EUA (Alasca), Dinamarca (Groenlândia), Noruega e Rússia (GUIA DE ESTUDOS MINIONU, 2018). Cada um desses Estados, em particular do subconjunto, tem reivindicado zonas econômicas exclusivas (ZEEs). De acordo com a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (CNUDM), na sigla em inglês UNCLOS⁸, as ZEEs foram estabelecidas com os limites equivalentes a 200 milhas náuticas a partir da costa, aproximadamente 370 km, com essa comprovação o país tem o direito à soberania e pode explorar a região economicamente. Ainda, no caso da plataforma continental se estender além da sua ZEE, o país pode solicitar formalmente à Comissão dos Limites da Plataforma Continental (CPLC), a ampliação da mesma para até 350 milhas náuticas, se comprovar geologicamente a extensão da sua plataforma (JÚNIOR; ROSA; SIMÕES, 2016; ECOSOC, *s.d.*).

Inclusive esses países têm disputas entre reivindicações de suas ZEEs, que são sobrepostas, e parte dessas controvérsias ainda não foi totalmente solucionada. No infográfico seguinte, podem ser visualizadas as principais contestações entre os países do Círculo Polar Ártico:

Figura 4: Reivindicações territoriais no Ártico



Fonte: Infográfico elaborado pelo Guia do Estudante Abril através de informações do *The Arctic Institute*.

⁸ A UNCLOS rege o ambiente marítimo internacional desde 1982.

As disputas em torno da soberania de áreas do Círculo Polar Ártico suscitam dificuldades há mais de um século, o que envolveu a necessidade de uma maior governança da região em si. Diante disso, em 1996 a Declaração de Ottawa formalizou a criação do Conselho do Ártico, um fórum intergovernamental para promover a cooperação, coordenação e interação entre os Estados Árticos. Os oito países da região em questão são os estados-membros, também formam o conselho uma categoria dos chamados Participantes Permanentes (as comunidades indígenas do Ártico) que possuem cooperação ativa e são consultados para discussões relacionadas ao meio ambiente, desenvolvimento sustentável e segurança sociocultural, além de mais treze Estados que são observadores (DISCOVERING THE ARCTIC, *s.d.*; CSIS, 2019; GUEDES, 2016). O Conselho possui órgãos que atuam através de grupos de trabalho:

Alguns dos órgãos mais eficazes do Conselho são seus grupos de trabalho. O Grupo de Trabalho de Proteção do Meio Ambiente Marinho do Ártico (PAME) produziu avaliações inovadoras, como a Arctic Marine Shipping Assessment (AMSA), que levou à criação do Código Polar. O grupo de trabalho também propôs, em 2015, uma estrutura para preservar as águas do Ártico por meio de uma rede de áreas marinhas protegidas (MPAs) em todo o Ártico circumpolar (CSIS, 2019).

O aquecimento global acelerado, e o conseqüente degelo das calotas polares, tornará a abertura das rotas marítimas do Ártico mais viáveis ao longo de períodos mais extensos a cada ano. As nações Árticas vêm ampliando suas iniciativas no que concerne a possibilidade do comércio por essas novas vias. Ademais, a Rússia e a China são os países proeminentes em termos de presença, exploração e projetos (FLECK, 2023).

Por mais que a extensão territorial chinesa não alcance o Ártico, o país está entre os treze observadores do Conselho (desde 2013) e é um ator bastante ativo, tendo comparecido às reuniões do conselho e participado em pesquisas e investimentos na região. Para tanto, o país negociou durante cinco anos a sua participação junto ao fórum e, antes de ser aceito, movimentos e discursos foram gradativamente sinalizados:

Os especialistas chineses do Ártico agora se referem à China como um 'estado próximo do Ártico' e no workshop o termo 'stakeholder' também foi usado. O governo chinês aumentou recentemente o investimento na pesquisa do Ártico e encomendou um segundo quebra-gelo do Ártico. Em um relatório do SIPRI de 2010, China se prepara para um Ártico sem gelo, Jakobson encorajou os membros nórdicos do Conselho do Ártico a aproveitar a oportunidade de estabelecer um relacionamento único com a China ao se envolver com autoridades e acadêmicos chineses sobre questões do Ártico. (SIPRI, 2012).

No ano de 2017 o primeiro navio que conseguiu passar pelas três rotas marítimas principais árticas foi o chinês Xue Long. Em 2018, a RPC publicou seu primeiro “Livro Branco”⁹, delimitando a política oficial chinesa para a região Ártica,

⁹ “Um *white paper* é uma publicação oficial, como guia ou relatório, que geralmente aborda problemas complexos e propõe soluções e planos estratégicos. O termo surgiu quando documentos do governo foram codificados por cores para indicar distribuição, com branco designado para acesso público. Assim, os *white papers* são usados na política e nos negócios, bem como nas áreas técnicas, para educar os leitores e ajudar as pessoas a tomar decisões.” (STANFORD, 2015)

sugere-se no documento que os interesses polares devem se basear no trabalho conjunto para maior conectividade e desenvolvimento socioeconômico através do Ártico, em complemento com a exploração de recursos e pesquisas científicas. Também defende a definição de disputas territoriais por meios diplomáticos, a partir de tratados multilaterais e com respeito à UNCLOS, a cooperação pacífica em torno da região, além de lançar a Rota da Seda Polar, ou *Polar Silk Road* (PSR), incluindo-a na sua iniciativa C&R (NAKANO; LI, 2018; SCIO, 2018).

Os chineses buscam rotas alternativas às comumente utilizadas para o comércio marítimo. Como exemplo, a principal via marítima comercial entre a Ásia e a Europa passa da China para Roterdã (cidade nos Países Baixos) através do Canal de Suez (no Egito). Contudo, a região é bastante instável, os contratempos e custos logísticos são excessivos e a fragilidade da rota de trânsito foi demonstrada em 2021, no episódio em que o navio Ever Given bloqueou a passagem, interrompendo o fluxo por sete dias, gerando inflação em vários países de várias regiões (FLECK, 2023; MCCARTHY, 2021).

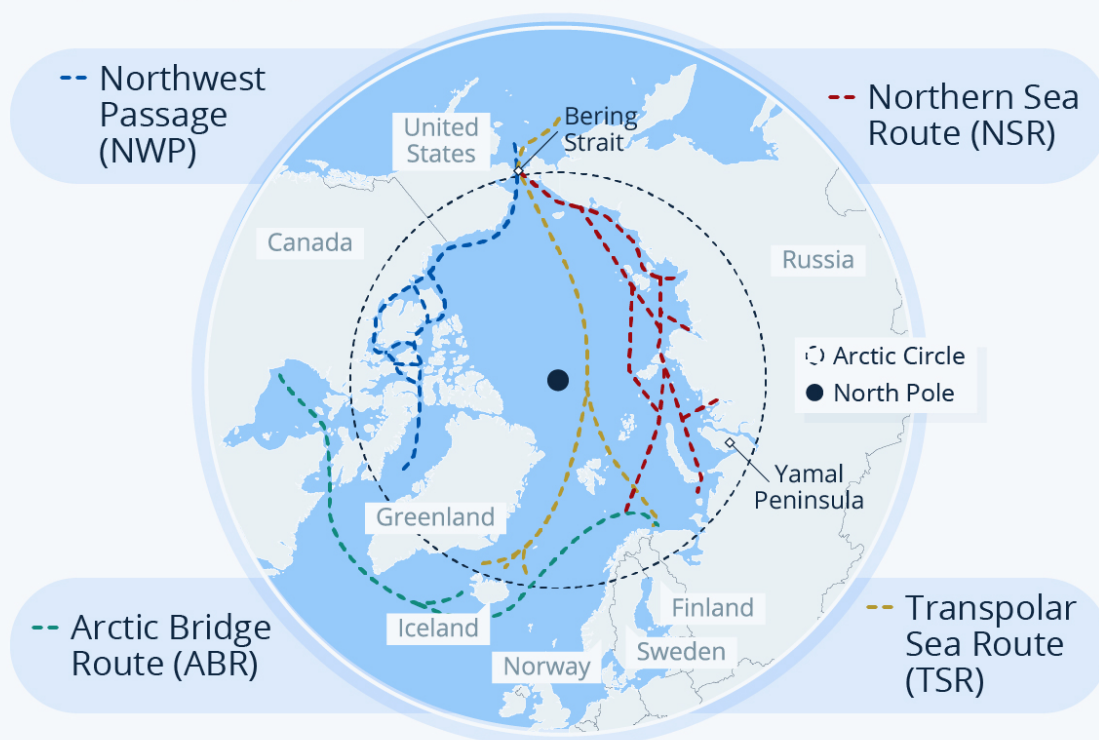
No mapa subsequente estão ilustradas as quatro principais rotas marítimas do norte do planeta:

a Passagem do Noroeste (NWP), a Rota do Mar do Norte (NSR), a Rota do Mar Transpolar (TSR) e a Rota da Ponte do Ártico (ABR). A Rota do Mar do Norte conecta as economias asiática e europeia e está localizada predominantemente ao longo da costa da Rússia. (FLECK, 2023)

Figura 5: Principais rotas marítimas abertas no Ártico pelo degelo.

The Polar Silk Road

The four major transatlantic maritime routes opening up by Arctic ice melting



Sources: Asia Briefing, Statista Research



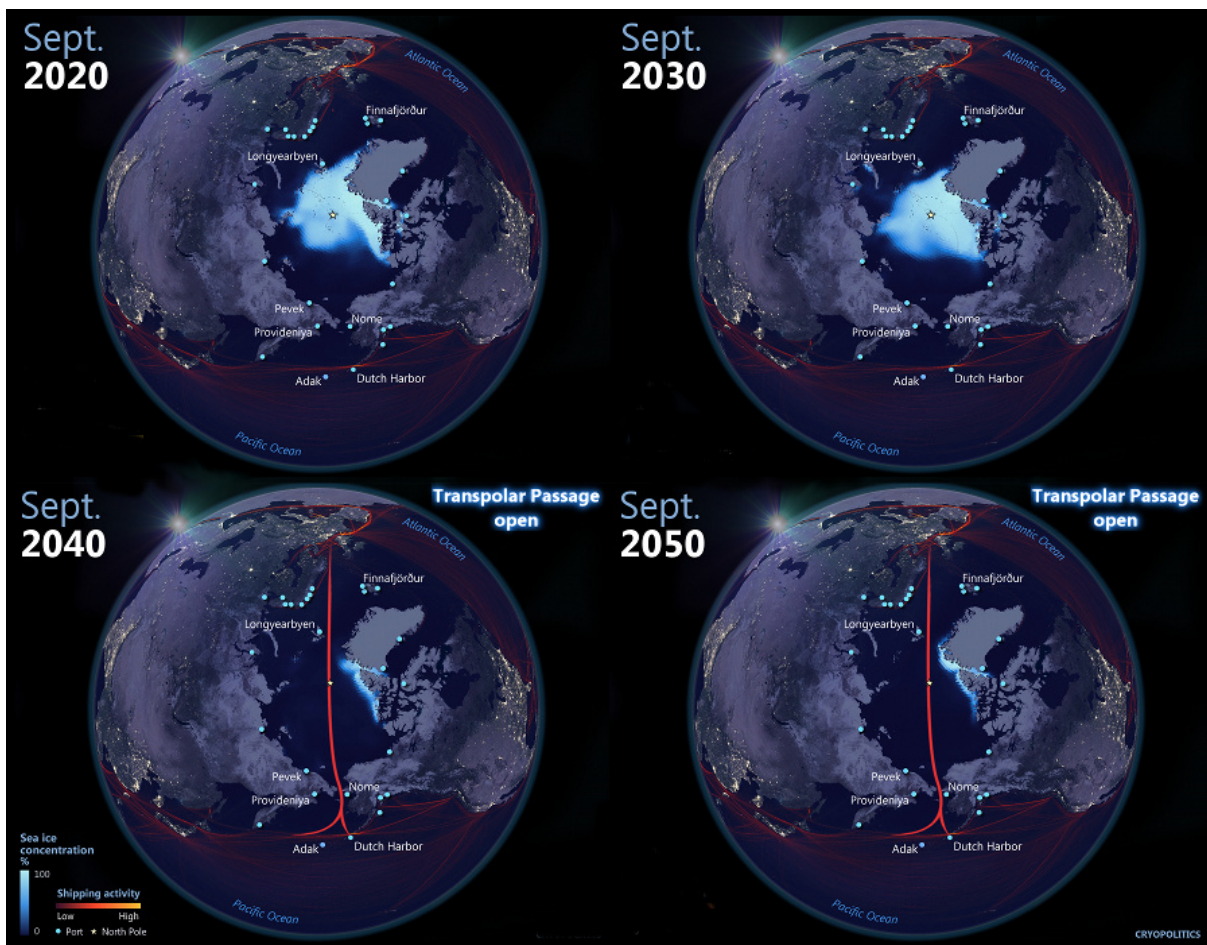
statista

Fonte: Asia Briefing; Statista Research, (2023).

Há projeções que indicam que a Rota Transpolar estará totalmente aberta já em 2035, e em um mundo onde o rigor da pontualidade é a diferença entre prejuízo e lucro, a Passagem Transpolar se torna atraente, assim como as Passagens Nordeste e a Noroeste. “Para viagens entre a Europa e a Ásia, a Rota Marítima do Norte já pode ser duas a três semanas mais rápida que o Canal de Suez.” (BENNETT, 2019).

De acordo com a projeção do site “Cryopolitics”, em artigo de Mia Bennett (2019), o único país que se prepara para a probabilidade da navegação na rota transpolar é a China, diante da perspectiva de que mesmo que a humanidade atingisse a interrupção dos gases de efeito estufa (GEE), os que já foram emitidos na atmosfera vão continuar afetando o clima e induzindo o aquecimento global. A autora atenta para o fato de o “livro branco” da RPC tratar das três principais rotas marítimas como inevitáveis. Como mostra a figura a seguir:

Figura 6: Projeções para o aumento do degelo do Ártico (2020-2050)



Fonte: CRYOPOLITCS (2019).

A China também se autointitula como Estado quase-Ártico (ou *near-arctic state*), com a auto-classificação Pequim indicou seu objetivo de afirmar suas pretensões na região polar a níveis diplomáticos, comerciais e cooperativos em torno do meio ambiente. Mesmo essa nomenclatura não tendo respaldo da comunidade internacional, a sinalização aponta para a agregação do entorno do Ártico na “Belt and Road Initiative (BRI)”. Assim, “a rota marítima no Ártico, muitas vezes chamada de Rotas do Mar do Norte, tornou-se parte da nova Rota da Seda marítima e entrou no planejamento e pensamento estratégicos chineses” (DESCAMPS, 2019).

As mudanças climáticas vêm tornando as rotas marítimas acessíveis, a extração de recursos naturais viável e, com isso, atraindo também o turismo para a região Ártica. O Serviço Geológico dos EUA (2008) estima que vinte e dois por cento das reservas inexploradas de combustíveis fósseis do mundo estão no Ártico, sendo treze por cento de petróleo e trinta por cento de GNL, e oitenta e quatro por cento desses recursos estão no mar. Além disso, a estimativa é que setenta por cento de todos os recursos prováveis estão no Ártico russo e, como pode ser observado no infográfico, a Rússia possui a maior extensão territorial e costeira do Ártico. Portanto, “sessenta por cento da área terrestre e oitenta por cento da população do Ártico encontram-se em território russo, por isso o país é o mais interessado e com melhores condições de explorar as vantagens do degelo da região.” (DUARTE; SUDBRACK, 2016).

3.1.1 Cooperação Sino-Russa no Ártico

Autoridades de segurança e inteligência de defesa europeias e norte-americanas vêm mantendo maior vigilância no norte do planeta, no Círculo Polar Ártico, a partir do conhecimento de que o gelo polar está derretendo e abrindo novas rotas marítimas de comércio, estimulando a concorrência pela exploração dos recursos naturais expostos, o que reformula as dinâmicas de segurança global. Frente ao cenário de degelo acelerado, a FR reativou bases militares da antiga URSS e iniciou a construção de novas, atraindo também o interesse da China na região, que se volta ao encurtamento das distâncias para o comércio marítimo, além de fornecer possibilidades em torno da alta demanda energética que o país possui (ESTADÃO, 2023).

Como já mencionado, a China vem buscando reduzir sua dependência comercial-marítima e energética de países e regiões instáveis como a do Oriente Médio, imersas em conflitos ou com dificuldades logísticas (ATLAS REPORT, 2021). Tal emergência vai ao encontro da necessidade da Rússia de substituição da demanda dos mercados europeus e da adaptação econômica frente às sanções ocidentais, sendo as de 2014 (anexação da Crimeia) e de 2022 (invasão russa da Ucrânia) as mais pesadas da história recente (SHARMA; SINHA, 2023).

A Rússia tem a maior frota de navios quebra-gelo de propulsão nuclear do mundo, adequados para a navegação no Oceano Ártico. O Ministério da Defesa da FR também vem desenvolvendo infraestrutura própria para a utilização e pesquisa no extremo norte, construindo aeródromos, bases militares, centros de apoio e portos em ilhas remotas do norte (SPUTNIK, 2023). A China tem um dos governos que mais investe em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) e na implementação de IAs em vários setores, na economia, na vigilância civil, espionagem e na sua defesa. Hoje já “coordena os funcionários robôs na indústria de consumo, auxilia na datificação das centenas de terabytes de dados dos cidadãos e opera em diversos campos do robusto Exército de Libertação Popular.” (MUNDO CONECTADO, 2023).

Perante as potencialidades de ambos os países, a parceria sino-russa vem investindo massivamente no Ártico russo e o avanço da militarização da região vem se intensificando mesmo com a Guerra da Ucrânia. Para além de pesquisas científicas, de viabilidade extrativa de recursos e de exercícios militares conjuntos, destacam-se investimentos em projetos adjacentes no extremo norte da Rússia:

1) Yamal LNG, uma *joint venture* (projeto em que duas ou mais empresas arcam com o risco do investimento de maneira conjunta) construída em Sabetta, na Península de Yamal (noroeste da Sibéria), sendo um campo onde se desenvolveu o complexo de produção e condensação de GNL, infraestrutura ampla com o porto, o aeroporto, rodovias, e os navios quebra-gelo que transportam o gás. A participação chinesa ocorreu efetivamente no ano de 2013, a Corporação Nacional de Petróleo da China (CNPC) comprou vinte por cento dos ativos da Novatek (segunda maior produtora de GNL da Rússia), através de participação no consórcio do projeto. Antes disso, em meados da década de 2000, vinte por cento eram da petrolífera francesa Total e oitenta por cento da própria Novatek. Com a anexação da Crimeia em 2014, e as consequentes restrições econômicas ocidentais, a FR perdeu investimentos e acesso à tecnologia necessária para viabilizar o Yamal LNG, o que também prejudicou as relações entre a Novatek e a Total. O vácuo de cooperação em tecnologia e financiamento conduziu a FR a se voltar para a Ásia, conseguindo acesso à tecnologia, maquinário e equipamentos de liquefação da China, que comprou dez por cento dos ativos do projeto através de acordo no ano de 2016 entre a Novatek e o Fundo da Rota da Seda (criado em 2014), isto significa que

trinta por cento dos ativos do projeto são da RPC (BIANCO, 2018). A Fase I foi concluída em dezembro de 2017, quando entrou em operação o primeiro trem (instalação de purificação do gás) (CNPC, 2017). Em agosto de 2018 a segunda fase entrou em operação, concluída seis meses antes do programado (CGTN, 2018). No mesmo ano, o terceiro trem também foi transportado, antes da previsão do cronograma (TECHNIP ENERGIES, 2023).

2) O porto de Arkhangelsk, seu projeto foi efetivado em 2016 a partir da assinatura de um acordo de intenções entre o então recém-criado Centro Industrial e de Transporte Ártico de Arkhangelsk e a subsidiária chinesa Poly International, as partes acertaram a construção do porto de águas profundas, como parte da Rota da Seda Polar e para promover o trânsito marítimo entre China e Rússia. Além disso, objetivaram ampliar a modernização da infraestrutura portuária na região costeira da Rota do Mar do Norte, impulsionando a capacidade e o potencial competitivo do porto, de modo a torná-lo capaz de acomodar superembarcações e conter equipamentos específicos para processar logística de nicho¹⁰. Já em 2017, um navio reforçado com toneladas de madeira partiu de Arkhangelsk via Rota do Mar do Norte com destino à Xangai, o que provou a capacidade de comércio marítimo da passagem (THE ARCTIC, 2018; GLOBAL TRADE, 2018). Atualmente, em julho de 2023,

A Sede de Operações Marítimas da GlavSevmorput (uma empresa da Rosatom) fornecerá informações e suporte à navegação e garantirá a disponibilidade de quebra-gelos movidos a energia nuclear como parte do novo serviço de transporte de contêineres regularmente ao longo da Rota do Mar do Norte (NSR) entre a China e a Rússia. O navio porta-contêineres NEWNEW POLAR BEAR já partiu de São Petersburgo para sua primeira viagem. A nova linha é um projeto conjunto internacional Hainan Yangpu Newnew Shipping Co e do agente de carga Torgmoll. (...) quatro navios com capacidade de 1600-3500 TEU estão planejados para navegar entre São Petersburgo, Kaliningrado e os portos da China ao longo da NSR. Um navio com capacidade para 1600 TEU navegará entre o porto de Arkhangelsk e os portos da China para transportar cargas de exportação e importação. (PETRONOTÍCIAS, 2023)

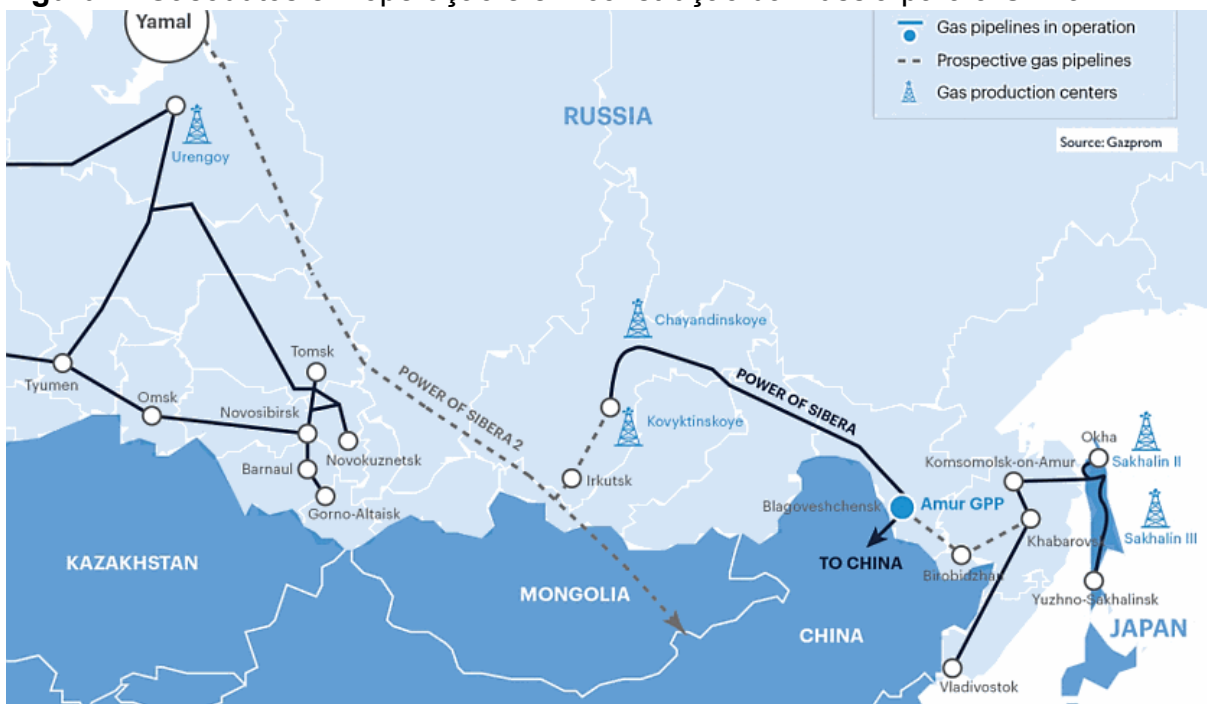
3) Força da Sibéria 1: Com a crise da Crimeia em 2014 a Rússia buscou como alternativa a China, o gasoduto *Power of Siberia* é resultado do contrato com duração de trinta anos, firmado em 2014 pela Gazprom (maior estatal energética russa e maior exportadora de GNL do mundo) e pela Corporação Nacional de Petróleo da China (CNPC). O contrato em questão de fornecimento de GNL da Sibéria para o nordeste da China no valor de quatrocentos bilhões de dólares, projetou transportar trinta e oito bilhões de metros cúbicos através do gasoduto. A fase inicial de funcionamento do “Força da Sibéria 1” iniciou o fornecimento de gás para a China em dezembro de 2019, o duto passa por Pequim descendo até Xangai. A fase intermediária teve o início de suas operações no mês de dezembro de 2020 e a fase final tem estimativa de ser concluída e operante em 2025 (PETRONOTÍCIAS, 2022). Calcula-se que no ano de conclusão da etapa final o gasoduto produza sessenta e um bilhões de metros cúbicos, superior a quantidade fornecida pelo

¹⁰ “A logística de nicho representa um modelo de trabalho cada vez mais comum e fundamental para mercados específicos. Assim, é possível ter mais assertividade nas demandas, obtendo todo suporte necessário. Determinadas cargas precisam de cuidados particulares, desde o armazenamento até o transporte. Por essa razão, ter um trabalho especializado e que atenda a essas necessidades é indispensável.” (CARGO X, 2018).

“Nord Stream 1”, gasoduto que atravessa o Mar Báltico para transporte de gás da FR para a Alemanha e que passou por sabotagem — ainda em investigação — junto com o “Nord Stream 2” em construção. As explosões causaram desastre ecológico e geraram instabilidade nos mercados de gás que sofreram aumento nos preços (OBSERVADOR, 2023; PETRONOTÍCIAS, 2023). O Força da Sibéria 1 não parte diretamente da área da Sibéria que está no Círculo Polar Ártico, mas o objetivo é que sua complementação seja reforçada com GNL do Ártico pelo duto em construção.

4) Força da Sibéria 2: Em março de 2023 Putin e Xi assinaram acordo para a construção do novo duto que transportará GNL da região da Sibéria para o noroeste chinês, percorrendo 2.6 mil km através da Mongólia. Este substituirá o “Nord Stream 2” (projeto abandonado devido à Guerra da Ucrânia) e complementarará o gasoduto Força da Sibéria 1, projeta-se o transporte de cinquenta bilhões de metros cúbicos de gás para a China pelo novo projeto do *Power of Siberia 2* (OBSERVADOR, 2023; O GLOBO, 2023; CORREIO DO POVO, 2023).

Figura 7: Gasodutos em operação e em construção da Rússia para a China.



Fonte: Frontliner; Gazprom (2022).

Segundo publicação do site *Elements*, de junho de 2022, foram analisados os países que mais estavam consumindo combustíveis fósseis da Rússia desde o início da ofensiva russa à Ucrânia. Destacaram que a Alemanha já tinha sido ultrapassada pela China como maior importadora de petróleo russo com descontos diários. Para mais, a Rússia já havia superado a Arábia Saudita em exportações de petróleo para a China.

Em março de 2023, no *Visual Capitalist*, após um ano de guerra, reafirmou-se a China como principal consumidora de combustíveis fósseis russos, com importações principais de petróleo bruto, o que representou mais de oitenta por cento das importações chinesas de combustíveis da Rússia, acumulando um total de US\$ 55 bilhões dentro do período em análise. A Alemanha se manteve em segundo lugar, principalmente pela sua necessidade do GNL russo, o valor acumulado ficou

acima de US\$ 12 bilhões. Em 6 de julho de 2023, o site fez uma nova publicação sobre o tema, agora no período entre 1 de janeiro e metade de junho, apenas confirmando a China enquanto principal parceira comercial em combustíveis fósseis.

Os autores Bipandeep Sharma e Uttam Kumar Sinha (2023) apontam que a abordagem ocidental de enfrentamento à China e à Rússia, liderada pelos EUA, catalisa a aproximação entre os dois Estados e ambas as partes buscam maximizar seus próprios interesses. Nesse contexto, a FR vem sendo uma grande consumidora de tecnologia chinesa para o desenvolvimento do seu extremo norte, e a RPC diante da abundância de recursos da Sibéria cada vez mais exploráveis responde positivamente, de modo a acelerar projetos em comum. A cooperação da China com a Rússia no Ártico evoluiu consistentemente e espera-se que assuma uma liderança fundamental no futuro próximo.

A parceria sino-russa avançou progressivamente, de maneira constante e alinhada, através do compartilhamento de informações de inteligência e defesa, navegação e comércio energético. Esses principais nexos da relação se reforçaram diante do cenário de disputa pela região do Círculo Polar Ártico, conjuntamente com o isolamento da Rússia pelo Ocidente, a partir da guerra da Ucrânia, constituindo uma situação de ruptura inclusive na governança do Ártico, que suspendeu em parte suas atividades, já que todos os países, excetuando a Rússia, são ligados a valores ocidentais e hoje fazem parte da OTAN (SHARMA; SINHA, 2023). A conjuntura posta impõe um desafio maior ainda para a Rússia, e também para a China, que deseja desenvolver sua Rota da Seda Polar, além de já ter se pronunciado contra negociações em que a Rússia (enquanto Estado Ártico) não fizesse parte (FOLHA, 2023).

Este não é só o único interesse da China que se posiciona como principal importadora de commodities russas, especialmente recursos energéticos com descontos, o que não é usual para o país que tem alta demanda por combustíveis; a RPC também busca explorar os minerais terras raras, imprescindíveis para as tecnologias modernas e para a sua transição energética, que também podem ser explorados no Ártico. As mudanças climáticas cada vez mais intensas facilitam a extração das matérias-primas e todos os Estados dependem do desenvolvimento de mineração para a produção de tecnologias, mas mesmo que a China já tenha controle e liderança no investimento em terras raras, Pequim não intenciona perder o monopólio do mercado. Conseqüentemente, a convergência de interesses se torna estratégica e crucial para assegurar a posição das duas potências na região, não só da Eurásia, mas também do Ártico (TELLECHEA, 2023).

4 SEGURANÇA DE ROTAS E RECURSOS

4.1 Considerações iniciais

“Segurança” e “soberania” suplantaram, assim, “guerra” e “império” como a linguagem conceitual do conflito interestatal. Como tal, os estudos de segurança traçam sua linhagem intelectual para o campo das relações internacionais, conforme se desenvolveu nos departamentos de ciência política e estudos da área nas universidades americanas durante a Guerra Fria. A disseminação da teoria crítica pós-marxista e do pós-estruturalismo na academia, juntamente com o colapso da União Soviética em 1991, abriu caminho para uma ampla gama de perspectivas teóricas críticas de dentro e de campos concorrentes. A pesquisa sobre as pessoas abusadas ou ignoradas pela ideologia de segurança e as formas como os estados usam a segurança para justificar e consolidar o poder antidemocrático só

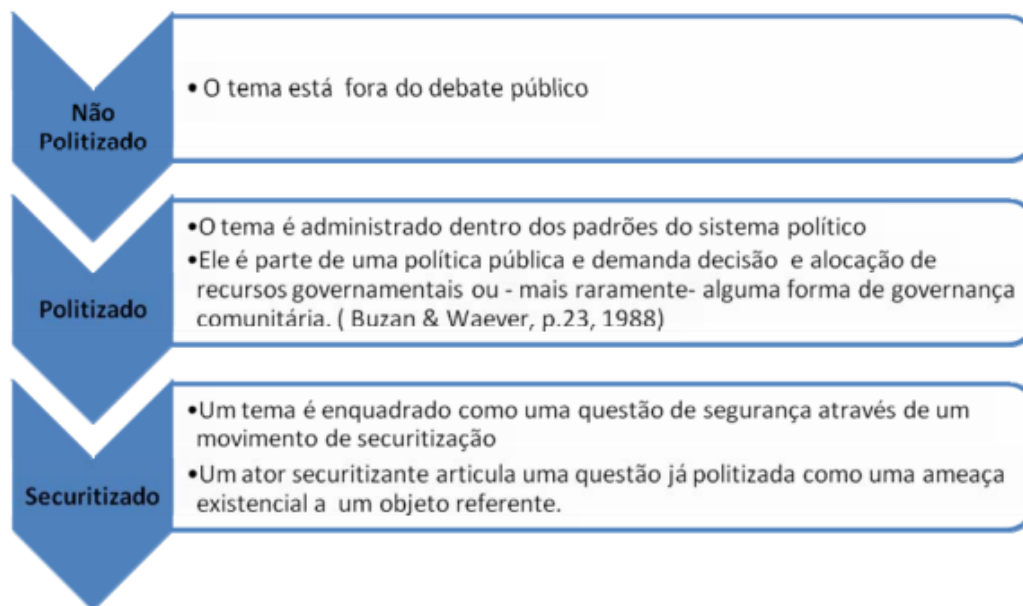
aumentou com a intensificação do teatro de segurança interna americana e suas guerras globais desde 2001. (SCHEWE, 2022).

De modo a situar adequadamente a construção teórica da Escola de Copenhague (EC) nas correntes construtivistas de Relações Internacionais (RI), especificamente no campo dos Estudos de Segurança Internacional (ESI), o construtivismo possui três correntes: 1) a tradicionalista, baseada na centralidade do uso da força militar e na proteção do próprio estado, ou seja, estadocêntrica e mais convencional; 2) a crítica, que nega a possibilidade de se analisar de maneira empírica a realidade objetiva dos fenômenos sociais, que está totalmente suprimida pela construção social do que é ameaça e segurança, sofrendo interferência dos atores detentores de poder em detrimento da emancipação dos indivíduos e povos; 3) a abrangente, no qual se encaixa a EC, que dialoga com as teorias tradicionalistas e com as críticas, compatibilizando a operacionalização da linguagem, através de discursos (atos de fala ou “speech-acts”) que moldam a realidade que os agentes buscam identificar como ameaças, ao mesmo tempo em que consideram que há uma realidade objetiva que deve ser observada por meio de ferramentas teórico-metodológicas que possam interpretar os fenômenos sociais e encontrar soluções para problemas complexos, se colocando enquanto “caminho do meio” entre as duas correntes (FERNANDES, 2013). Conforme Oliveira (2019),

É estabelecida, portanto, como uma abordagem tida como abrangente, que não nega o papel das temáticas clássicas, mas que busca introduzir elementos críticos a partir de abordagens interdisciplinares em relação aos estudos de segurança, enfatizando o papel dos processos políticos, sociais e econômicos que se fazem presentes nesses processos.

Para a EC, a própria concepção de um discurso voltado à percepção de uma ameaça já possui o poder de transformar uma questão não-politizada, ou politizada, num tema de segurança que demanda a suspensão das normas políticas convencionais de direito, referendando o emprego de medidas excepcionais. Neste processo há três tipos de análise envolvidas no desenvolvimento securitário: os agentes securitizadores, o objeto referente e a audiência. Na figura seguinte o processo de securitização é esquematizado.

Figura 8: O processo de securitização



Fonte: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/17458/17458_9.PDF. **Adaptado de:** EMMERS, Ralf. Securitization. In: COLLINS, Alan (Ed.). Contemporary Security Studies. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 109-125.

Conforme Clara Eroukhmanoff (2018), a securitização bem-sucedida passa por etapas de configuração do objeto referente através do processo interno linguístico do ato de fala, externamente os atores no caso devem ter o poder de invocar o procedimento excepcional e, por fim, a audiência a qual se direciona o discurso securitário, que pode confirmar, ou negar, a política de emergência, ou seja, “investindo os atores securitizadores (nominalmente Estados) com o poder de decidir quando a estrutura democrática deve ser suspensa e com o poder de manipular as populações.”

4.1.1 A Parceria Sino-Russa e a segurança de rotas e recursos

Utilizando-se da perspectiva construtivista do conceito de segurança da Escola de Copenhague (EC), instituição em que os principais expoentes são os professores Barry Buzan e Ole Wæver, busca-se interpretar de maneira abrangente as movimentações da parceria estratégica sino-russa para garantir a preponderância das duas nações no Ártico e em torno de seus recursos. Através de trabalhos que aplicam a teoria da securitização — desenvolvida pela EC e operada amplamente em estudos de segurança internacional (ESI) — para interpretar como atores relevantes do sistema internacional se utilizam de processos de construção discursiva para transformar um objeto referente em tema de ameaça existencial (a nível de segurança), conquistando a legitimidade de uma audiência (ou, neste caso, de atores funcionais) para que o agente ultrapasse a barreira de lidar com a situação dentro das normas políticas comuns e empreenda políticas excepcionais de segurança de modo a atingir seu objetivo.

Neste estudo, identificam-se no caso em observação três tipos de unidades envolvidas na análise de segurança, as quais compõem o processo de securitização: os objetos referentes (Ártico Russo e seus recursos), os agentes securitizadores (China e Rússia em parceria) e os atores funcionais (especialmente

os países do Conselho do Ártico, mas também outros Organismos Internacionais e até mesmo ONGs, Institutos de pesquisa, dentre outros relevantes no cenário internacional para a governança do Ártico).

Há que se levar em consideração que, em seu desenvolvimento, a teoria da securitização possui capacidade de ser aplicada quando em relação a democracias consolidadas (ao menos classificadas assim), limitando a análise em casos de arranjos institucionais diferenciados¹¹, como o dos agentes securitizadores em questão enquanto regimes definidos como autocráticos, com poder concentrado em seus partidos (o PCC no caso da China) ou de seus líderes (Vladimir Putin no poder desde o ano 2000 e Xi Jinping, desde 2013). Isto posto, a natureza política destes confere maior autonomia, não só a nível externo, mas principalmente interno. Portanto, na própria constituição da RPC, em texto já com alterações de 2004, no seu Artigo 1º,

A República Popular da China é um Estado socialista sob a ditadura democrática popular dirigida pela classe trabalhadora e baseada na aliança de trabalhadores e camponeses.

O sistema socialista é o sistema básico da República Popular da China. A interrupção do sistema socialista por qualquer organização ou indivíduo é proibida.

A FR é uma República Federativa, o representante é eleito diretamente pelo voto do povo. De acordo com a sua constituição, seguindo o regime semipresidencialista, o presidente (Chefe de Estado) representa o poder executivo mas divide o poder com o primeiro-ministro (Chefe de Governo). No entanto, o contexto da Rússia é mais complexo, pois há forte controle e intervenção estatal na economia, e, nos últimos anos, analistas políticos vêm discutindo que o semipresidencialismo na Rússia vem sendo conspurcado pelo chamado “putinismo”. O termo tem intuito de definir os movimentos políticos que o presidente Vladimir Putin tem feito para a sua manutenção no poder, já que liderou o país de 2000 à 2008, mantendo-se como primeiro-ministro até 2012 — enquanto Dmitry Medvedev presidia o país, e também ocupa vários cargos na burocracia da FR desde a ascensão de Putin ao poder — quando volta à presidência, articulando em 2020 uma reforma constitucional junto ao Congresso que o permite se manter à frente do país até 2036 (G1, 2020; CLIPPING CACD, 2023).

Sendo assim, no caso em análise os recursos de construção discursiva e de movimentações securitárias se impõem frente aos atores funcionais. Haja vista (apenas a título de exemplo) as repressões na Rússia de opositores à Guerra da Ucrânia (FOLHA, 2022) e, caso da China, a repressão de manifestantes contra a política de “Covid zero” (BBC, 2022).

Portanto, o processo de securitização de rotas e recursos, empreendido pela parceria sino-russa, tem como atores funcionais à comunidade internacional. Diante disso, podem ser considerados movimentos de securitização: a aceitação da RPC no Conselho do Ártico enquanto participante observador; a cooperação voltada a investimentos em pesquisa e em infraestrutura em partes da região, diversificadas entre os diversos países do Ártico, além de acordos para liberação de passagens marítimas para o comércio, que facilitarão o transporte e a logística entre os diversos portos, reduzindo custos e distâncias na comercialização intercontinental. A participação da China no fórum e a cooperação bilateral no extremo norte russo

¹¹ “Segundo a Escola de Copenhague, mudanças seriam realizadas pelo fortalecimento de Estados fracos, alcançado por aumento no nível da coesão político-societal.” (TANNO, 2003, p-74).

(direcionando-se ao Polo Norte) configuram movimentos securitários diante de disputas territoriais. Para além disso, os diversos projetos conjuntos citados na segunda seção do presente trabalho, são discutíveis nesse sentido, pois os países estão agindo em comum acordo, na maior parte identificada em região soberana russa. No momento em que os países empreendem incursões e exercícios militares próximos, ou até mesmo ultrapassando, o espaço soberano de outros países (ou mesmo contestados) está configurada a sinalização para a construção de uma imagem de proeminência frente aos atores funcionais, que se não responderem negativamente, acabam por aceitar a realidade construída pelos dois países.

A virada russa para a Ásia, em 2014 (crise da Crimeia), em especial para a China, está atrelada ao avanço dos projetos no Ártico em conjunto com os desentendimentos com o Ocidente, principalmente com os EUA. O contexto de disputa geopolítica se acirra e a parceria sino-russa se impõe, com as consecutivas demonstrações de identificação entre os ideais nacionalistas dos líderes Xi Jinping e Vladimir Putin. A inserção na região Ártica enquanto elemento de segurança da Política Externa e de Defesa da FR, também se coloca como primordial para o desenvolvimento nacional. Ademais, o tensionamento entre a Rússia e a OTAN aumenta, o que induz o ampliamto dos exercícios militares no Ártico. “A resposta russa, explicitada em exercícios de escopo mais geral – como o Vostok 2018 – visa a dissuasão por meio da demonstração da capacidade de operar naquele ambiente.” (SILVA, 2019, p. 82-83).

No exercício Vostok 2018, foram mobilizados trezentos mil soldados e trinta e seis mil tanques de guerra, compreendendo as três forças militares, o exército, a força aérea e a marinha. Funcionou para a preparação de tropas e, simbolicamente, para demonstrar força e cooperação em defesa com as Forças Armadas chinesas e da Mongólia. O exercício foi realizado em nove campos para testes e três mares – o Mar do Japão, o Mar de Bering e o Mar de Okhotsk (THE GUARDIAN, 2018; DAILY EXPRESS, 2018). Quatro anos depois, em setembro de 2022, os mesmos países empreenderam os exercícios Vostok 2022, demonstrando novamente a parceria chinesa mesmo após a guerra da Ucrânia (DW, 2022). Essas sinalizações, junto com movimentações de forças armadas no Mar de Bering e no extremo norte, visam cravar a projeção de poder sobre essas áreas de maneira conjunta, inquietando os EUA e a própria OTAN. Os adversários geopolíticos respondem através de pronunciamentos em contraponto, num grande jogo político de construção discursiva de simbolismos que, em si mesmos, não são capazes de gerar uma securitização bem-sucedida, ao menos que haja recuo de alguma das partes, submetendo-se ao poder do outro.

Particularmente, um caso de construção discursiva que pode ser caracterizada como iniciativa para um processo de securitização, foi apresentado em trabalho recente, o caso da publicação do “Livro Branco” pela China, indicando suas intenções enquanto Estado observador no Conselho do Ártico e em cooperação com os países polares, identificando a região também como uma zona estratégica para a RPC. Para mais, o autor faz o adendo:

(...) é importante ressaltar que, como já mencionado, a securitização requer não apenas a argumentação da ameaça, mas também a aceitação dessa narrativa por parte dos outros atores relevantes. A aceitação e a legitimidade das reivindicações chinesas são temas que podem ser questionados tanto pelo próprio Partido Comunista Chinês quanto pela comunidade internacional. Portanto, o White Paper chinês pode ser considerado o princípio de uma percepção chinesa do Ártico como uma área "securitizável", mas a concordância quanto aos argumentos do país

são questões em aberto que demandam o esforço de torná-la prioritária. (ZARBATO, 2023, p. 24).

Portanto, deve-se levar em consideração o contexto histórico, a conjuntura política e a sustentação argumentativa. No ano de 2007, em expedição científica, uma bandeira russa foi plantada no fundo do Oceano Ártico, em uma área no Polo Norte. O então Chanceler do Canadá, Peter MacKay, minimizou o ato: “este não é o século XV, você não pode dar a volta ao mundo e apenas plantar bandeiras”. (G1, 2007; BBC, 2007). A ação foi subestimada, mas ao longo dos anos a Rússia fez várias reivindicações territoriais baseadas no direito internacional, além de se valer da posição geográfica privilegiada para desenvolver pesquisas e conhecimento de modo a se sobressair frente aos outros países, com a maior frota de quebra-gelos do mundo, desenvolvimento de infraestrutura de portos para navegação, extração de recursos e comercialização dos mesmos provenientes do Ártico. Conforme Elizabeth Buchanan (2023),

A Rússia usou as regras internacionais por mais de duas décadas para garantir direitos no fundo do mar do Pólo Norte. Em fevereiro de 2023, Moscou silenciosamente garantiu uma grande vitória na batalha legal do fundo do mar do Ártico. No entanto, esse significativo ganho legal ocorre em meio a um contexto de segurança internacional bem diferente de quando Moscou plantou sua bandeira no fundo do oceano. O Ártico era um lugar de poucos caminhos para cooperação e coordenação entre a Rússia e o Ocidente, e isso deixou de ser o caso após a invasão da Ucrânia pela Rússia em 2022. Sem grades de proteção para facilitar o diálogo e o engajamento, e talvez incentivos para Moscou continuar a aderir ao regime jurídico internacional do Ártico, é possível que a região esteja prestes a enfrentar sua era mais desafiadora.

Em síntese, o que se pode afirmar, em relação aos movimentos securitários da parceria estratégica sino-russa, é que as operações conjuntas levaram ao predomínio do arranjo bilateral entre China e Rússia no espaço Ártico de soberania da FR. Adicionalmente, o objetivo atingido que se ressalta é a exploração sincrônica dos recursos energéticos, através dos acordos demonstrados na segunda seção, como o projeto Yamal LNG, o porto de Arkhangelsk, o gasoduto Força da Sibéria 1 e o em desenvolvimento do Força da Sibéria 2.

De acordo com a concepção de segurança energética exposto na obra “Contemporary Security Studies, 3ª edição” de Alan Collins (2013), tais projetos se configuram enquanto processo efetivo de segurança energética, garantindo o fornecimento de energia necessário no contexto atual e no futuro, concernentes a mudanças previsíveis em torno da escassez de recursos em regiões de exploração convencionais. As fontes devem ser confiáveis e ter estabilidade, com vulnerabilidade reduzida a ataques externos. No caso em análise, esses requisitos foram preenchidos nos projetos sino-russos apresentados, já que os dutos atravessam território russo, com parceria da Mongólia, até a China, ou diretamente para o território chinês. Nos transportes marítimos de combustível as rotas russas já são prontamente militarizadas há anos, além disso as marinhas da Rússia e da China fazem parte das mais desenvolvidas do mundo.

A segurança energética é efetivada quando o ator securitizador conquista fontes de energia suficientes para atender (ou complementar) suas demandas multissetoriais, incluindo atividades militares, econômicas e sociais, consequentemente assegurando a manutenção dos regimes políticos, através do apoio recíproco e da arregimentação de investimentos em exploração de recursos.

Por enquanto, a parceria sino-russa no Ártico empreende um conjunto de movimentos securitários efetivos, ao menos em torno da Rota do Mar do Norte e da exploração de recursos energéticos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou explorar a parceria sino-russa no que concerne aos recursos naturais, minerais e energéticos, da possibilidade de novas rotas marítimas e das disputas pela região Ártica, tentando identificar e esclarecer onde ocorre a convergência de interesses de ambas as partes no espaço geográfico em foco. Considerando-se, para tanto, que cada país (Rússia e China) possui projetos próprios em torno do Ártico, além de realidades político-econômicas e sociais distintas.

As limitações do estudo se deram em torno da dificuldade de mensuração da amplitude dos impactos globais da exploração da região do Ártico, além da operacionalização da teoria da securitização que possui maior aplicabilidade em torno de países em que os regimes são classificados como democracias consolidadas, ao menos categorizadas assim, demandando maior ajustamento do próprio aparato teórico utilizado. Com isso, a complexidade dos dilemas que envolvem impactos ambientais globais carecem de maior abrangência analítica.

Uma outra forma proposta por Barry Buzan e Ole Waever (2009) para analisar os processos de securitização, seria o processo em maior escala, a macrossecuritização. Os autores dão como exemplo eventos globais como a Guerra Fria (disputa entre dois grandes blocos que visavam securitizar sua influência e poder no mundo) em que disputas menores, paroquiais, ou de nível intermediário, a exemplo de disputas regionais, são eclipsadas pela grande disputa de ocasião. Assim como os EUA tentaram fazer a partir do 11 de setembro, na conhecida Guerra ao Terror¹², declarada pelo então presidente George Bush, utilizando-se do episódio como pretexto para atacar países islâmicos como o Afeganistão (2001) e o Iraque (2003). A diferença é que no contexto da Guerra Fria outros problemas foram subordinados e enquadrados na construção maior do conflito entre Ocidente e Oriente (macrossecuritização bem-sucedida), enquanto na Guerra ao Terror (tentativa de macrossecuritização), os EUA subestimaram problemas globais, abrindo espaço para sua grande rival geopolítica, a China, ascender enquanto potência no cenário internacional. Sugestiona-se a utilização deste desdobramento teórico, e das especulações de que o Ártico se tornará palco de uma Nova Guerra Fria, para levantar hipóteses a serem estudadas a respeito de uma provável macrossecuritização das mudanças climáticas (como questão em escala superior), de modo a reforçar as disputas na região, suprimindo outras importantes questões globais ou mesmo em regiões e nações com menor visibilidade.

¹² “Nos últimos 15 anos pode-se contar a invasão do Afeganistão (2001), quando os EUA lançaram uma operação para buscar a Osama Bin Laden, acusado por Washington da queda das torres gêmeas em Nova Iorque. A invasão permanece e já deixou um saldo de 3.486 soldados mortos, dos quais 2.356 são estadunidenses, segundo números divulgados no <http://icasualties.org/>; assim como é responsável por 17.252 civis assassinados e mais de 29.536 feridos desde que a ONU passou a registrar dados estatísticos sobre esse conflito, de 2009 até 2014. O Iraque foi invadido em 2003 sob o falso pretexto de busca de “armas de destruição massiva” que nunca existiram. E foi nesse país, onde os Estados Unidos entraram para dar ao povo “liberdade”, “democracia” e “segurança”, que morreram 4.808 militares, 4.489 deles estadunidenses. Até 2013, a 10 anos da invasão, se calculou em mais de 730.000 o número de civis assassinados, conforme a organização Opinion Research Business.” (IELA, 2015).

Recomenda-se que mais estudos sejam realizados, devido à importância vital do espaço geográfico, das suas riquezas naturais, fauna, flora, portanto, do próprio ecossistema para o equilíbrio climático do planeta e da manutenção da vida na Terra. A participação em pesquisas relacionadas ao ecossistema em estudo requer maior atenção, considerando que a primeira expedição brasileira foi realizada em julho de 2023, bastante recente (EBC, 2023). Para mais, a contribuição de estudos relacionados à referida região podem proporcionar uma visão mais ampla, ao mesmo tempo detalhada, das ações empreendidas no Círculo Polar Ártico, não apenas pela Rússia e China, mas também pelos outros países que fazem parte da governança do Conselho do Ártico. Além da temática abordada neste trabalho, outros temas são relevantes: pesca ilegal, derramamento de combustíveis fósseis e poluição do meio ambiente, supressão sociocultural dos povos indígenas da região a favor de interesses econômicos, dentre outras importantes discussões que circundam o Ártico e suas peculiaridades.

Com isso, os Estudos de Segurança aplicados através do construtivismo nos induzem a observar como os agentes detentores do poder de tomada de decisão, por meio da constituição de seus discursos, definem o que é matéria de segurança a partir de seus interesses e quando lhes convém. De modo que seus objetivos reais sejam atingidos, tomando para si o papel de detentores do que é mais urgente a ser securitizado, a nível nacional, regional ou sistemático, mesmo que tais medidas emergenciais acarretem na insegurança global ou de outros grupos considerados como inimigos.

A abertura das novas rotas marítimas do norte está cada vez maior e constitui um cenário ambivalente, onde coexiste o fato de o aquecimento causar o rápido degelo — impacto ambiental negativo, em termos de acidificação dos Oceanos, aumento do nível dos mares, liberação de Gases de Efeito Estufa (GEE) da atmosfera que são absorvidos pela camada de gelo — e, por outro lado, tais rotas significam também o encurtamento de distâncias para o comércio marítimo, facilitando a logística, reduzindo o tempo e, paradoxalmente, o custo com combustíveis poluentes para o transporte de mercadorias. Para além, o discurso de escassez de recursos para o desenvolvimento de maquinário moderno em diversas áreas da indústria tecnológica, necessária para a manutenção da produção contínua, movimentação econômica, geração de emprego e renda, induz países e corporações a explorarem os recursos provenientes da região do Ártico.

Sendo assim, a constatação discursiva de inevitabilidade de aceleração desse degelo (como presente no primeiro “Livro Branco” da RPC) pode gerar a justificativa para a utilização dessas rotas, em detrimento da preservação da região do Ártico e do seu ecossistema bastante diverso e complexo.

A perspectiva construtivista da análise da realidade em contraste com os discursos e ações dos atores envolvidos, demonstra como a habilidade engenhosa de se utilizar de imagens e discursos, simultaneamente com o empreendimento de ações no mesmo sentido, dão forma à realidade que se deseja concretizar com base em ambições. No caso, um: novas Rotas Marítimas reduzem as distâncias, logo, o comércio através destas polui menos. Segundo: o planeta demonstra sinais de escassez de recursos energéticos, podendo levar a crises energéticas que se desdobram em problemas em todos os setores vitais para a sociedade como um todo, sendo assim, a região do Ártico os têm em abundância, e não explorar esses recursos (que inevitavelmente são expostos) seria negligenciar a realidade e a necessidade da civilização humana de manter comércio de mercadorias essenciais para o funcionamento da própria sociedade enquanto tal.

Por enquanto, a segurança energética e os ganhos econômicos do comércio de combustíveis com as possibilidades no Ártico estão sobrepondo a emergência climática, sendo a própria questão das mudanças climáticas a justificativa para empreendimentos na região, e, como mostra a história, a disputa por exploração de riquezas naturais e por território continua a elevar os níveis de tensão entre os atores de interesse, especialmente das potências globais.

REFERÊNCIAS

A China, os Estados Unidos e o problema de Taiwan. **Jornal da USP**. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/radio-usp/a-china-os-estados-unidos-e-o-problema-de-taiwan/>>.

Acesso em: 3 jul. 2023.

A disputa pelo Ártico. **Guia do Estudante Abril**. Disponível em:

<<https://guiadoestudante.abril.com.br/curso-enem/a-disputa-pelo-artico/>>. Acesso em: 16 mai. 2023.

A Nova “Rota da Seda Polar” da China no Ártico e Suas Implicações. **ATLAS REPORT**. Disponível em:

<<https://atlasreport.com.br/a-nova-rota-da-seda-polar-da-china-no-artico-e-suas-implicacoes/>>. Acesso em: 2 mai. 2023.

A relação entre Ucrânia e Otan, cada vez mais estreita. **FOLHA de PERNAMBUCO**, 2023. Disponível em:

<<https://www.folhape.com.br/noticias/a-relacao-entre-ucrania-e-otan-cada-vez-mais-estreita/279796/>>. Acesso em: 15 jul. 2023.

A União Soviética desapareceu há 30 anos, mas teremos aprendido as lições?.

Instituto Mais Liberdade. Disponível em:

<<https://maisliberdade.pt/noticias/a-uniao-sovietica-desapareceu-ha-30-anos-mas-teremos-aprendido-as-licoes/>>. Acesso em 10 jul. 2023.

ALVARES, T. D. O. (2020). **RÚSSIA E CHINA: UMA PARCERIA ESTRATÉGICA EM BUSCA DA MULTIPOLARIDADE**. PDF—UFRJ: [s.n.].

AMAL, V. W. K. **Nova Guerra Fria? A percepção da Rússia**. Disponível em:

https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/179635/TCC_Victor_Wolfgang_Kegel_Amal_2016_Nova_Guerra_Fria_Russia.pdf?sequence=1&isAllowed=y. 2016

BBC NEWS BRASIL. Covid-19: China prepara endurecimento da repressão aos protestos contra lockdowns. **BBC**, 29 nov. 2022.

BBC NEWS BRASIL. Como duas décadas de expansão criaram o “século da China.” **BBC**, 13 Dec. 2021.

BENNETT, M. The Arctic shipping route no one’s talking about. **CRYOPOLITICS**.

Disponível em: <<https://www.cryopolitics.com/2019/04/23/transpolar-passage/>>.

Acesso em: 21 jul. 2023.

BIANCO, M. O Projeto Yamal LNG e sua relevância para a Rússia. **NEBRICS**, 2018.

Brasil segue em sua primeira expedição de pesquisa ao Ártico. **EBC**. 2023.

Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2023-07/brasil-segue-em-sua-primeira-expedicao-de-pesquisa-ao-artico>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

BRUGNARA, F. A. **A política Russa no espaço pós-soviético: a influência do Neo-Eurasianismo e dos recursos energéticos**. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 30 Jun. 2015.

BUCHANAN, E.. Os ganhos da Rússia na Grande Corrida Ártica. **HISTÓRIA EM DEBATE (HMD)**. Disponível em:

<<https://historiamilitaremdebate.com.br/os-ganhos-da-russia-na-grande-corrída-artica/>>. Acesso em: 4 jun. 2023.

BUZAN, B.; WÆVER, O. (2009). Macrosecuritisation and Security Constellations: Reconsidering Scale in Securitisation Theory. **Review of International Studies**, 35(2), 253–276. <http://www.jstor.org/stable/20542789>

CARDOSO, J. Tensão no mar Báltico pode aumentar com expansão da Otan.

Poder360. Disponível em:

<<https://www.poder360.com.br/internacional/tensao-no-mar-baltico-pode-aumentar-com-expansao-da-otn/>>. Acesso em: 21 mai. 2023.

CARLSON, B. G. Andrea Kendall-Taylor/David Shullman: Navigating the deepening Russia-China partnership. Washington, DC: Center for a new American security, january 2021. **SIRIUS - Zeitschrift für Strategische Analysen**, v. 5, n. 3, 2021.

CHADE, J. A “guerra ao terror” dos EUA teve um vencedor: a China. **UOL**.

Disponível em:

<<https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2021/09/11/a-guerra-ao-terror-dos-eua-teve-um-vencedor-a-china.htm>>. Acesso em: 3 jun. 2023.

China and Russia collaborating on Arctic port. **GLOBAL TRADE**. Disponível em:

<<https://www.globaltrademag.com/china-russia-collaborating-arctic-port/>>. Acesso em: 4 jul. 2023.

China aumentou em 50% importações de combustíveis russos desde eclosão da guerra na Ucrânia. **O Globo**. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/03/china-aumentou-em-50percent-importacoes-de-combustiveis-russos-desde-que-guerra-eclodiu.ghtml>>. Acesso em: 6 jun. 2023.

China pediu que invasão russa à Ucrânia acontecesse após Olimpíadas, diz relatório. **AVENTURAS NA HISTÓRIA**. Disponível em:

<<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/china-pediu-que-invasao-russa-ucrania-acontecesse-apos-olimpiadas-diz-relatorio.phtml>>. Acesso em: 3 aug. 2023.

Circum-arctic resource appraisal: Estimates of undiscovered oil and gas north of the arctic circle. (2008). **USGS**. Disponível em: <<https://pubs.usgs.gov/fs/2008/3049/>>. Acesso em: 2 jul. 2023.

CINTRA, M. A. M.; DA SILVA FILHO, E. B.; PINTO, E. C. INTRODUÇÃO. *In*: CINTRA, M. A. M.; DA SILVA FILHO, E. B.; PINTO, E. C. (Eds.). **CHINA EM TRANSFORMAÇÃO: DIMENSÕES ECONÔMICAS E GEOPOLÍTICAS DO DESENVOLVIMENTO**. IPEA, 2015.

CLIPPING, E. Afinal, qual é o regime político da Rússia? Capitalismo? Socialismo?. **CLIPPING**. Disponível em: <<https://blog.clippingcacd.com.br/cacd/regime-politico-russia/>>. Acesso em: 20 jul. 2023.

Comentário: Nova era para as relações China-Rússia. Disponível em: <<http://portuguese.people.com.cn/n3/2019/0607/c309809-9585616.html>>. Acesso em: 3 jul. 2023.

Conheça os BRICS. **IPEA**. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/forumbrics/pt-BR/conheca-os-brics.html>>. Acesso em: 6 jul. 2023.

CONLEY, H.; MELINO, M.; SAUMWEBER, W. Charting a New Arctic Ocean. **CSIS**. Disponível em: <<https://ocean.csis.org/spotlights/charting-a-new-arctic-ocean/>>. Acesso em: 26 mai. 2023.

CORRÊA, A. P. CAPÍTULO 4: INDUSTRIALIZAÇÃO, DEMANDA ENERGÉTICA E INDÚSTRIA DE PETRÓLEO E GÁS NA CHINA. *In*: CINTRA, M. A. M.; DA SILVA FILHO, E. B. PINTO, E. C. (Eds.). **China em transformação: dimensões econômicas e geopolíticas do desenvolvimento**. IPEA, 2015.

COSTA, V. A China na conquista tecnológica das IAs. **MUNDO CONECTADO**. Disponível em: <<https://mundoconectado.com.br/artigos/v/32714/a-busca-da-china-em-dominar-as-ias>>. Acesso em: 10 mai. 2023.

DA SOLER, R. INTERDEPENDÊNCIA ENERGÉTICA SECURITIZADA: O CASO DA UNIÃO EUROPEIA E AS SUAS CONSEQÜÊNCIAS. **Cadernos de relações internacionais**, v. 2008, n. 1, 2008.

DELARMELIN, D. M. **Cenário estratégico internacional: a ascensão chinesa, a aproximação com a Rússia e as implicações na balança de poder mundial**. 2018.

DELGADO, F.; FEBRARO, J. Cronos: China e as suas questões de segurança energética. 2017.

DER SPIEGEL; ECOLOGICAL SOCIETY OF AMERICA, ARCTIC FLORA AND FAUNA" STUDY, BRITANNICA, USGS. **STAKING CLAIM TO THE NORTH POLE - The Arctic and Bordering Nations**, 2012. Disponível em:

<<https://susanchen.com/wp-content/uploads/2012/04/StakingClaimtoNorthPole.png>>. Acesso em: 20 jul. 2023.

DESCAMPS, M. The ice silk road: Is China a “near-Arctic-state”? **ISDP**. Disponível em: <<https://isdpr.eu/publication/the-ice-silk-road-is-china-a-near-artic-state/>>. Acesso em: 21 mai. 2023.

Development of Arctic Sea Routes and environmental conservation. **HOKKAIDO UNIVERSITY**. Disponível em: <<https://www.global.hokudai.ac.jp/blog/development-of-arctic-sea-routes-and-environmental-conservation/>>. Acesso em: 22 abr. 2023

DIENSTBIER, D. M. P. **China e Rússia no jogo de xadrez geopolítico da ordem mundial em transformação**. Disponível em: <<https://www.kas.de/documents/265553/265602/Cad+3-2022+-+cap%C3%ADtulo+4.pdf/d2ac1605-2814-6136-1043-13ca7444f735?t=1669662170409>>. Acesso em: 20 abr. 2023.

DO VALE, I. B.; OLIVEIRA, R.; MOREIRA, H. M. **A Atuação da China no Conselho de Segurança das Nações Unidas de 1971 a 2019**. 2022.

DUARTE, E.; SUDBRACK, L. 2016. O Degelo do Ártico no Século XXI: Fim do Isolamento Russo?. **Carta Internacional**. 11, 1 (abr. 2016), 221–244. DOI:<https://doi.org/10.21530/ci.v11n1.2016.290>.

DUARTE, F. P. (ED.). Chineses no Ártico. [s.l.] **RTP NOTÍCIAS**, 2020. Disponível em: <https://www.rtp.pt/noticias/mundo/chineses-no-artico_n1237683>. Acesso em: 8 jul. 2023.

ECOSOC. Ártico: instabilidades ambientais e disputas pelo poder. **SIMAR**. Disponível em: <[https://santamarcelina.org.br/admin/_ef_arquivos_carregamento_dinamico/pdfs/ECOSOC_SIMAR_VIII%20\(1\)\(1\).pdf](https://santamarcelina.org.br/admin/_ef_arquivos_carregamento_dinamico/pdfs/ECOSOC_SIMAR_VIII%20(1)(1).pdf)>. Acesso em: 30 jun. 2023.

EMMERS, Ralf. Securitization. In: COLLINS, Alan (Ed.). **Contemporary Security Studies**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 109-125

Entenda: a expansão da Otan e a pressão sobre a Rússia. **ESTADÃO**. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/internacional/entenda-a-expansao-da-otan-e-a-pressao-sobre-a-russia/>>. Acesso em: 15 jul. 2023.

EROUKHMANOFF, C. Securitisation theory: An introduction. **E-INTERNATIONAL RELATIONS**. Disponível em: <<https://www.e-ir.info/2018/01/14/securitisation-theory-an-introduction/>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

Expedição russa finca bandeira no fundo do Ártico. **BBC BRASIL**. 02 Ago. 2007. Disponível

em:<https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/08/070802_russia_artic_org>. Acesso em: 5 abr. 2023

FERNANDES, A. **Construtivismo, a Escola de Copenhaga e a Securitização**. 2013. Disponível

em:<https://www.academia.edu/39933330/MSRI_Construtivismo_a_Escola_de_Copenhaga_e_a_Securitizacao_da_Informa%C3%A7%C3%A3o_V14JAN2K13PM>.

Acesso em: 5 mai. 2023

FERNANDES, S. Nota introdutória – A Guerra da Rússia na Ucrânia: o primeiro balanço. **Relações internacionais**, n. 77, p. 005–009, 2023.

FERRARI, H. China crescerá mais de 5% em 2023; é há 12 anos a 2a maior potência. **Poder360**. Disponível em:

<<https://www.poder360.com.br/internacional/china-crescera-mais-de-5-em-2023-e-ha-12-anos-a-2a-maior-potencia/>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

FLECK, A. The polar silk road. **STATISTA**. Disponível em:

<<https://www.statista.com/chart/30201/major-maritime-routes-opening-up-in-the-arctic/>>. Acesso em: 20 jul. 2023.

FREIRE, M. R. **As relações China-Rússia num quadro de contenção estratégica**, 2021. Disponível em:

<https://ipri.unl.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/ri71/n71a04.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2023.

FRONTLINER. Gazprom avança no maior acordo de fornecimento de gás natural com a China. Disponível em:

<<https://www.frontliner.com.br/gazprom-avanca-no-maior-acordo-de-fornecimento-de-gas-natural-com-a-china/>>. Acesso em: 14 jul. 2023.

GOMES, P. H. M. A ALAVANCA ENERGÉTICA RUSSA: A Utilização do Setor de Petróleo e Gás como Instrumento Geopolítico. **Revista Brasileira de Estudos Estratégicos**, v. 13, n. 25, p. 173–194, 2021.

GUEDES, A. M. O Conselho do Ártico. **JANUS.NET**. Disponível em:

<https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/2982/1/3.30_ArmandoMGuedes_Conselho_Artico.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2023.

GUEDES, M. C. **A POLÍTICA DOS CAMPEÕES NACIONAIS APLICADA NO BRASIL E SUA IMPLEMENTAÇÃO POR MEIO DO BNDES NO PERÍODO 2004-2014**. UFSC, 2019. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/214631/PCNM0337-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>>. Acesso em: 28 mai. 2023.

Guerra da Ucrânia: Repressão política explode na Rússia - 29/12/2022 - Mundo - **Folha**. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/12/repressao-politica-explode-na-russia-apos-guerra-da-ucrania.shtml>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

GUIA DE ESTUDOS CA (2018) A Guerra Fria sobre o Ártico. MINIONU. **PUCMINAS**. Disponível em: <https://minionupucmg.files.wordpress.com/2017/06/guia-de-estudos-ca-2018.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

HECIMOVIC, A. Vostok-2018: Russia launches biggest post-Soviet war games – in pictures. **The guardian**, 13 Sep. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/gallery/2018/sep/13/vostok-2018-russia-war-games-military-exercises-in-pictures>. Acesso em: 27 jul. 2023

HORTA, D. Parceria Sino-Russa e a Luta pela Multipolaridade Sistêmica no século XXI. **O Não Internacionalista**, 2022.

How Sweden and Finland could help NATO contain Russia. **Reuters**, 5 jul. 2023. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/europe/natos-new-north-fresh-chances-contain-moscow-2023-07-03>. Acesso em: 14 jul. 2023

Hungria não será obstáculo à entrada da Suécia na Otan, diz chanceler. **Valor Econômico**. Disponível em: <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2023/07/27/hungria-nao-sera-obstaculo-a-entrada-da-suecia-na-otan-diz-chanceler.ghtml>. Acesso em: 28 jul. 2023.

IELA. **Estados Unidos é o maior violador de Direitos Humanos do mundo**. Disponível em: <https://iela.ufsc.br/estados-unidos-e-o-maior-violador-de-direitos-humanos-do-mundo/>. Acesso em: 28 jul. 2023

Legislativo da Rússia aprova regra para que Putin fique no poder até 2036. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/03/11/legislativo-da-russia-aprova-regra-para-que-putin-fique-no-poder-ate-2036.ghtml>. Acesso em: 1 jul. 2023.

MANZI, R. H. D. A economia da Rússia no século 21: as dinâmicas da ascensão econômica e da relativa estagnação após a crise global de 2008. **Carta Internacional**, v. 13, n. 2, 2018.

MATTOS, G. H. L. DE. A COOPERAÇÃO SINO-RUSSA: As implicações do “Pacto de Segurança Cibernética” e as relações sino-russas. **Revista Brasileira de Inteligência**, n. 10, p. 63-72, 1 dez. 2015.

MATTOS, L.F.; COSTA, R.S.D. As fronteiras geopolíticas do Ártico: novo centro de disputas pela hegemonia global. **Revista Geopolítica Transfronteiriça**, v. 1, p. 73-93, 2021.

MCCARTHY, N. The evolution of traffic transiting the Suez Canal. **STATISTA**. Disponível em: <https://www.statista.com/chart/24511/vessels-and-net-tonnage-transiting-the-suez-canal/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

MENDONÇA, M. A. A. DE; LOPES FILHO, C. R. DA F. U.; OLIVEIRA, J. K. B. DA S. A Nova rota da seda e a projeção econômica internacional da China : redes de financiamento e fluxos de Investimento Externo Direto (IED). **Boletim de Economia e Política Internacional**, n. 31, p. 9–37, 2022.

MIKHAILOVA, I. Rússia e China: transformações econômicas à luz da história das Relações Bilaterais. **Monções Revista de Relações Internacionais da UFGD**, v. 2, n. 4, p. 308–335, 2014.

MINEIRO, A. S., A. A INICIATIVA “UM CINTURÃO, UMA ROTA”: O PROTAGONISMO CHINÊS E A AMÉRICA LATINA. **ActionAid Brasil**, 2018.

MURRAY, M. P.; KEIFER, D. (EDS.). A Aposta da Rússia na China Implicações Estratégicas de uma Economia Energética Sino-Russa. [s.l.] **MILITARY REVIEW**, 2022. Disponível em: <<https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/Portuguese/2022/Primeiro-Trimestre/Murray/Murray-POR-Q1-2022.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2023

NAVIO NUCLEAR QUEBRA GELOS DE UMA SUBSIDIÁRIA DA ROSATOM INICIA UMA NOVA LINHA LIGANDO A RÚSSIA E A CHINA PELO MAR DO NORTE. **PETRONOTÍCIAS**. Disponível em: <<https://petronoticias.com.br/navio-nuclear-quebra-gehos-de-uma-subsidiaria-da-rosatom-inicia-uma-nova-linha-ligando-a-russia-e-a-china-pelo-mar-do-norte/>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

NOLL, A. Vostok 2022: os amigos da Rússia mostram suas armas. **Deutsche Welle**. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/vostok-2022-os-amigos-da-r%C3%BAssia-mostram-suas-armas/a-62986863>>. Acesso em: 29 jul. 2023.

NOVA REVIRAVOLTA NAS INVESTIGAÇÕES SOBRE O ATENTADO AOS GASODUTOS RUSSOS NORD STREAM 1 E 2 ENVOLVE OS UCRANIANOS COMO RESPONSÁVEIS. **PETRONOTÍCIAS**. Disponível em: <<https://petronoticias.com.br/nova-reviravolta-nas-investigacoes-sobre-o-atentado-aos-gasodutos-russos-nord-stream-1-e-2-envolve-os-ucranianos-como-responsaveis/>>. Acesso em: 15 jul. 2023.

Nova Rota da Seda: o que Brasil ganha ou perde se aderir a plano trilionário chinês. **G1**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/04/12/nova-rota-da-seda.ghtml>>. Acesso em: 7 jul. 2023.

OLIVEIRA, V. **A Escola de Copenhague e a Teoria da Securitização**. Disponível em: <<https://medium.com/@victoroliver/a-escola-de-copenhague-e-a-teoria-da-securitiza%C3%A7%C3%A3o-578e79f05731>>. Acesso em: 4 mai. 2023.

Otan agora “vai além” do Atlântico, começando pelo Ártico. **FOLHA**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/nelsondesa/2023/07/otan-agora-vai-alem-do-atlantico-comecando-pelo-artico.shtml>>. Acesso em: 28 jul. 2023.

PAUTASSO, D. Introdução à inserção internacional da China. **Bonifácio**. Disponível em: <<https://bonifacio.net.br/introducao-a-insercao-internacional-da-china/>>. Acesso em: 29 jul. 2023.

Pequim encerra Jogos Olímpicos marcados por tensão política - 20/02/2022 - Esporte - **Folha**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2022/02/pequim-encerra-jogos-olimpicos-marcados-por-tensao-politica.shtml>>. Acesso em: 4 abr. 2023.

PEREIRA, T. L. B. **As Superpotências Energéticas do Século XXI? estudo comparativo entre a Geopolítica Energética Brasileira e Russa**. 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/25333345/As_Superpot%C3%Aancias_Energ%C3%A9ticas_do_S%C3%A9culo_XXI_estudo_comparativo_entre_a_Geopol%C3%ADtica_Energ%C3%A9tica_Brasileira_e_Russa>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Phase I of Yamal LNG Project Became Operational. **CNPC**. Disponível em: <<https://www.cnpc.com.cn/en/2014enbvfg/201807/2a1ed925047b4193b64bb71e056f4d24/files/1a74e3c91e2f4755945e9abfdf08baa3.pdf>>. Acesso em: 1 jul. 2023.

Policy papers and policy analysis. **STANFORD.EDU**. Disponível em: <<https://law.stanford.edu/wp-content/uploads/2015/04/Definitions-of-White-Papers-Briefing-Books-Memos-2.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

Principais datas das relações entre Rússia e China. **Estado de Minas**. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2023/03/20/interna_internacional.1470840/principais-datas-das-relacoes-entre-russia-e-china.shtml>. Acesso em: 7 jul. 2023.

Putin anuncia acordo sino-russo para gasoduto Força da Sibéria 2. **Correio do Povo**. Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/mundo/putin-anuncia-acordo-sino-russo-para-gasoduto-for%C3%A7a-da-sib%C3%A9ria-2-1.1005826>>. Acesso em: 27 jul. 2023.

Putin visita Xi Jinping: China e Rússia anunciam parceria “sem limites.”. **G1**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/02/04/xi-jinping-recebe-putin-e-diz-que-china-e-russia-se-apoiarao-na-defesa-de-interesses-centrais.ghtml>>. Acesso em: 3 aug. 2023.

PUTIN, V. **Declaração Conjunta da Federação Russa e da República Popular da China sobre as Relações Internacionais Entrando em uma Nova Era e o Desenvolvimento Sustentável Global**. Official Internet Resources of the President of Russia, 2022. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/supplement/5770>>

Qual país tem a maior frota de quebra-gelos do mundo?. **SPUTNIK BRASIL**.

Disponível em:

<<https://sputniknewsbr.com.br/20230705/qual-pais-tem-a-maior-frota-de-quebra-gelo-s-do-mundo-29481769.html>>. Acesso em: 17 jul. 2023.

RADIN, A.; SCOBELL, A.; TREYGER, E. **China-Russia cooperation: Determining factors, future trajectories, implications for the United States**. Santa Monica, CA: RAND, 2021.

RAPHAEL, S.; STOKES, D. 21 Energy Security. *In*: COLLINS, A. (Ed.). **Contemporary Security Studies**. [s.l.] OXFORD UNIVERSITY PRESS, 2013.

RAUHALA, E. Guerra da Rússia na Ucrânia transforma o Ártico em campo de batalha entre Moscou e a Otan. **ESTADÃO**. Disponível em:

<<https://www.estadao.com.br/internacional/guerra-da-russia-na-ucrania-transforma-o-artico-em-campo-de-batalha-entre-moscou-e-a-otan/>>. Acesso em: 28 jul. 2023

RELAÇÕES BILATERAIS ENTRE RÚSSIA E CHINA – UMA PEQUENA LINHA DO TEMPO. **MUNDO EM ANÁLISE**. Disponível em:

<<https://mundoemanalise.com.br/?p=382>>. Acesso em: 26 jul. 2023

REZENDE, P. P.; RANGEL, A. N. A militarização do Ártico. **ARSENAL GEOPOLÍTICA E DEFESA**. Disponível em:

<<https://arsenal-geopolitica-defesa.com.br/a-militarizacao-do-artico>>. Acesso em: 28 jul. 2023.

RIBEIRO, F. G. D. B. Geopolítica do século XXI: a perspectiva chinesa do sistema internacional. **Geosul**, v. 35, n. 77, p. 621–644, 2020.

Rússia anuncia gasoduto Força de Sibéria 2 em direção à China para substituir Nord Stream 2. **OBSERVADOR**. Disponível em:

<<https://observador.pt/2022/09/16/russia-anuncia-gasoduto-forca-de-siberia-2-em-direcao-a-china-para-substituir-nord-stream-2/>>. Acesso em: 7 jul. 2023.

Rússia diz que entrada de Suécia na Otan ameaça sua segurança; entenda por quê. **O Globo**. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/07/12/russia-diz-que-entrada-de-suecia-na-otan-ameaca-sua-seguranca-entenda-por-que.ghtml>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

Rússia e China encerram exercícios militares conjuntos no Mar do Japão. **ESTADO DE MINAS**. Disponível em:

<https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2023/07/23/interna_internacional_1523980/russia-e-china-encerram-exercicios-militares-conjuntos-no-mar-do-japao.shtml>. Acesso em: 29 jul. 2023

RÚSSIA E CHINA ENTRAM NA FASE FINAL DA CONSTRUÇÃO DO GASODUTO POWER OF SIBERIA, QUE LIGA OS DOIS PAÍSES. **PETRONOTÍCIAS**. Disponível em:

<<https://petronoticias.com.br/russia-e-china-entram-na-fase-final-da-construcao-do-gasoduto-power-of-siberia-que-liga-os-dois-paises>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

Rússia reivindica solo do Pólo Norte. **G1**. 01 Ago. 2007. Disponível em: <<https://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL81256-5603,00-RUSSIA+REIVINDICA+SOLO+DO+POLO+NORTE.html>>. Acesso em: 5 abr. 2023

Saiba mais sobre logística de nicho e suas principais vantagens. **CARGO X**. Disponível em: <<https://cargox.com.br/blog/saiba-mais-sobre-logistica-de-nicho-e-suas-principais-vantagens/>>. Acesso em: 16 jul. 2023.

SHARMA, B.; SINHA, U. K. Understanding China–Russia cooperation in the arctic. *In: Manohar Parrikar Institute for Defence Studies and Analyses*. Disponível em: <<https://www.idsa.in/system/files/issuebrief/ib-understanding-china-russia-cooperation-bsharma-uksinha.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SCHEWE, D. Security Studies: Foundations and Key Concepts. **JSTOR Daily**. Disponível em: <<https://daily.jstor.org/security-studies-foundations-and-key-concepts/>>. Acesso em: 26 jul. 2023.

SCHUTTE, G.; SANT'ANNA DEBONE, V. Parceria China e Rússia. **Carta Internacional**, v. 15, n. 2, 2020.

Second phase of Russia-China Yamal LNG project enters operation. **CGTN**. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/3d3d774e3245444e79457a6333566d54/share_p.html>. Acesso em: 1 jul. 2023.

Sergei Kokin: The Port of Arkhangelsk is Russia's northern gateway to the Arctic. **THE ARCTIC**. Disponível em: <<https://arctic.ru/analitic/20180921/791100.html>>. Acesso em: 13 jul. 2023

SILVA, A. L. R. (2011). Depois do muro: crise de hegemonia e multipolaridade no sistema internacional pós-Guerra Fria. **Revista História: Debates E Tendências**, 10(1), 156-172. <https://doi.org/10.5335/hdtv.10n.1.1976>

SILVA, P. A. M. **PARA UMA GEOPOLÍTICA DO ÁRTICO: OS DESAFIOS DA ESTRATÉGIA RUSSA DIANTE DE UM ÁRTICO EM TRANSFORMAÇÃO**. [s.l.]. Dissertação de Mestrado. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2019.

SILVA, P. A. M.; PACHECO, R. P. **A CHINA COMO NOVO PLAYER NA CORRIDA PELO ÁRTICO E A NECESSIDADE DE UM CONTRAPONTO À ESTRATÉGIA DE PEQUIM**. 2019. Disponível em: <https://www.academia.edu/38781364/A_CHINA_COMO_NOVO_PLAYER_NA_CORRIDA_PELO_%C3%81RTICO_E_A_NECESSIDADE_DE_UM_CONTRAPONTO_%C3%80_ESTRAT%C3%89GIA_DE_PEQUIM>. Acesso em: 15 maio. 2023

SILVA, Rafaela Oliveira. **Análise da anexação da Crimeia pela Rússia (2014) a luz da Teoria dos Jogos**. 2022. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

SIPRI. China defines itself as a 'near-arctic state', says SIPRI. **SIPRI - STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE**, 2012.

SOUZA JÚNIOR, E. DE; ROSA, K. K. DA; SIMÕES, J. C. Novas dinâmicas territoriais no ártico: cooperação ou nova guerra fria? **Boletim Gaúcho de Geografia**, 2016.

SOUZA, R. Capítulo VI — Integração à economia mundial. Em: SOUZA, R. (Ed.). **ESTADO E CAPITAL NA CHINA**. <https://books.scielo.org/id/brq52/08>: EDUFBA, 2018

TANCREDI, L. (2019). Estados Unidos, China e Rússia: do triângulo amoroso ao casamento estável. **Revista Hoplos**, 2(3), 9-28.
<https://doi.org/10.0000/hoplos.v2i3.28242>

TANNO, G. A contribuição da escola de Copenhague aos estudos de segurança internacional. **Contexto internacional**, v. 25, n. 1, p. 47–80, 2003.

TELLECHEA, J. C. LXXI Estrategias de Estados Unidos, Rusia y China en el Ártico. **MUNDO CLASICO**. Disponível em:
<<https://www.mundoclasico.com/articulo/33712/LXXI-Estrategias-de-Estados-Unidos-Rusia-y-China-en-el-%C3%81rtico>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

The Arctic council. **DISCOVERING THE ARCTIC**. Disponível em:
<<https://discoveringthearctic.org.uk/arctic-governance/arctic-circumpolar-governance/the-arctic-council/>>. Acesso em: 6 jun. 2023.

The countries buying Russian fossil fuels since the invasion. **Visual Capitalist**. Disponível em:
<<https://www.visualcapitalist.com/which-countries-are-buying-russian-fossil-fuels/>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

The foreign policy concept of the Russian federation. Disponível em:
<<https://nuke.fas.org/guide/russia/doctrine/econcept.htm>>. Acesso em: 4 jun. 2023.

The national people's congress of the people's republic of China. Chapter I General Principles, Article 1. Disponível em:
<http://www.npc.gov.cn/zgrdw/englishnpc/Constitution/2007-11/15/content_1372963.htm>. Acesso em: 3 jul. 2023.

TOMÉ, Luis (2018/2019), “Geopolítica da Rússia de Putin: não é a União Soviética, mas gostava de ser...”. *In*: **Relações Internacionais**, 60. Lisboa, IPRI-UNL: pp. 69-99.

TOMÉ, Luis (2021), “A Grande Estratégia da China de Xi Jinping: objetivos, poder nacional abrangente e políticas”. *In*: **Relações Internacionais**, 71: pp. 105-134

Turquia compromete-se a ratificar a adesão da Suécia à OTAN em outubro. **Rondônia Dinâmica**. Disponível em:

<<https://www.rondoniadinamica.com/noticias/2023/07/turquia-compromete-se-a-ratificar-a-adesao-da-suecia-a-otan-em-outubro,167105.shtml>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

UNGARETTI, C. R. O 14º Plano Quinquenal (2021-2025) da China em Perspectiva Doméstica e Internacional: Economia, inovação e meio-ambiente. **NEBRICS**, 2021.

VADELL, J. A governança da China e o desenvolvimento em movimento no século XXI. *In: Revista China Hoje - A governança da China sob a liderança de Xi Jinping*, 2021.

VISENTINI, P. CHINA E RÚSSIA: A PROJEÇÃO NAVAL DE POTÊNCIAS TERRESTRES. **Austral Brazilian Journal of Strategy & International Relations**, v. 10, n. 20, 2021.

WEICHAO, L. **Ministry of national defense**. Disponível em: <http://eng.mod.gov.cn/xb/News_213114/TopStories/4928825.html>. Acesso em: 14 jul. 2023.

WHITFIELD, K. Russia war games MAPPED: Where are Vostok 2018 Russia military drills? **Daily Express**, 11 Sep. 2018. Disponível em: <<https://www.express.co.uk/news/world/1016014/russia-war-games-map-where-vostok-2018-military-drills-china-world-war-3>>. Acesso em: 29 jul. 2023

Who's still buying Russian fossil fuels in 2023?. **Visual Capitalist**. Disponível em: <<https://www.visualcapitalist.com/whos-still-buying-russian-fossil-fuels-in-2023/>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

Who's Still Buying Fossil Fuels From Russia? **Elements**. Disponível em: <<https://elements.visualcapitalist.com/importers-of-russian-fossil-fuels/>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

XAVIER, A. T. Ártico: palco de novas disputas geopolíticas, como no passado. *Tito – Geopolítica*, **Tito-Geopolítica**, 24 mai 2020. Disponível em: <<https://www.atitoxavier.com/post/%C3%A1rtico-palco-de-novas-disputas-geopol%C3%ADticas-como-no-passado>>. Acesso em: 3 jul. 2023

Yamal LNG complex. **Technip Energies**. Disponível em: <<https://www.technipenergies.com/en/case-studies/yamal-lng>>. Acesso em: 1 jul. 2023.

ZARBATO, G. P. **Novas Rotas Marítimas: Uma Análise da Política Sino-Russa para o Ártico entre os anos de 2007 e 2022**. Trabalho de Conclusão de Curso. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/248020>: UFSC, jun. 2023.